

DIA 19 DE ABRIL – DIA NACIONAL DO ÍNDIO



Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, estima-se que havia por aqui cerca de 6 milhões de **índios**.

Passados os tempos de matança, escravidão e catequização forçada. Nos anos 50, segundo o antropólogo Darcy Ribeiro, a população indígena brasileira estava entre 68.000 e 100.000 habitantes. Atualmente há cerca de 280.000 índios no Brasil. Contando os que vivem em centros urbanos, ultrapassam os 300.000. No total, quase 12% do território nacional, pertence aos índios.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia em torno de 1.300 línguas indígenas. Atualmente existem apenas 170. O pior é que cerca de 35% dos 210 povos com culturas diferentes têm menos de 200 pessoas.

Apesar do "**Dia do Índio**", que é comemorado no dia 19 de Abril, não tem nada para se comemorar. Algumas **tribos indígenas** foram quase executadas por inteiro na década de 70 em diante, enquanto estavam fora de seu habitat, quase chegaram a extinção, foram ameaçados por epidemias, diarreia e estradas. Mas hoje, o que parecia impossível está acontecendo: o número de índios no Brasil e na Amazônia está aumentando cada vez mais. A taxa de crescimento da população indígena é de 3,5% ao ano, superando a média nacional, que é de 1,3%. Em melhores condições de vida, alguns índios recuperaram a sua auto-estima, reintroduziram os antigos rituais e aprenderam novas técnicas, como pescar com anzol. Muitos já voltaram para a mata fechada, com uma grande quantidade de crianças indígenas.

"O fenômeno é semelhante ao *baby boom* do pós-guerra, em que as populações, depois da matança geral, tendem a recuperar as perdas reproduzindo-se mais rapidamente", diz a antropóloga Marta Azevedo, responsável por uma pesquisa feita pelo Núcleo de Estudos em População da Universidade de Campinas.

Com terras garantidas e população crescente, pode parecer que a situação dos índios se encontra agora sob controle. Mas não! O maior desafio da atualidade é manter viva sua riqueza cultural.

Os índios brasileiros sobrevivem utilizando os recursos naturais oferecidos pelo meio ambiente com a ajuda de processos rudimentares. Eles caçam, plantam, pescam, coletam e produzem os instrumentos necessários a estas atividades. A terra pertence a todos os membros do grupo e cada um tira dela seu próprio sustento.

Existe uma divisão de tarefa por idade e por sexo: em geral cabe a mulher o cuidado com a casa, das crianças e das roças; o homem é responsável pela defesa, pela caça (que pode ser individual ou coletiva), e pela colheita de alimentos na floresta.

Os mais velhos - homens e mulheres - adquirem grande respeito da parte de todos. A experiência conseguida pelos anos de vida transforma-os em símbolos de tradições da tribo.

O pajé é uma espécie de curandeiro e conselheiro espiritual.

Entre os povos ameaçados estão os Ianomâmis, que foram os últimos a ter contato com a civilização. Sua população atual chega a pouco mais de 8.000 pessoas. O encontro com garimpeiros, que invadem suas terras, trazem doenças, violência e alcoolismo. Entre os índios, os garimpeiros são conhecidos por outro nome: os "comedores de terras". Calcula-se que 300.000 garimpeiros entraram ilegalmente em terras indígenas na Amazônia. Mas o problema não é insolúvel. Na aldeia Nazaré, onde moram 78 Ianomâmis, foram expulsos pela Polícia Federal.

Permanece a questão de como ficará o índio num mundo globalizado, mas pelo menos já se sabe o que é preciso preservar.

Os índios vivem em aldeias e, muitas vezes, são comandados por chefes, que são chamados de cacique, tuxânas ou morubixabas. A transmissão da chefia pode ser hereditária (de pai para filho) ou não. Os chefes devem conduzir a aldeia nas mudanças, na guerra, devem manter a tradição, determinar as atividades diárias e responsabilizar-se pelo contato com outras aldeias ou com os civilizados. Muitas vezes ele é assessorado por um conselho de homens que o auxiliam em suas decisões.

Além de um conhecimento profundo da vida e dos hábitos dos animais, os índios possuem técnicas que variam de povo para povo. Na pesca, é comum o uso de substâncias vegetais (tingui e timbó, entre outras) que intoxicam e atordoam os peixes, tornando-os presas mais fáceis. Há também armadilhas para pesca, como o pari dos teneteharas - um cesto fundo com uma abertura pela qual o peixe entra atrás da isca, mas não consegue sair. A maioria dos índios no Brasil pratica agricultura.

O esforço das autoridades para manter a diversidade cultural entre os índios pode evitar o desaparecimento de muita coisa interessante. Um quarto de todas as drogas prescritas pela medicina ocidental vem das plantas das florestas, e três quartos foram colhidos a partir de informações de povos indígenas.

Na área da educação, a língua tucana, apesar do pequeno número de palavras, é comparada por lingüistas como a língua grega, por sua riqueza estrutural - possui, por exemplo, doze formas diferentes de conjugar o verbo no passado.

No Brasil, muitas tribos praticam ritos de passagem, que marcam a passagem de um grupo ou indivíduo de uma situação para outra. Estes ritos se ligam a gestação e ao nascimento, à iniciação na vida adulta, ao casamento, à morte e a outras situações.

Poucos povos acreditam na existência de um ser superior (supremo), a maior parte acredita em heróis místicos, muitas vezes em dois gêmeos, responsáveis pela criação de animais, plantas e costumes.

A arte se mistura a vida cotidiana. A pintura corporal, por exemplo, é um meio de distinguir os grupos em que uma sociedade indígena se divide, como pode ser utilizada como enfeite. A tinta vermelha é extraída do urucum e a azul, quase negro, do jenipapo. Para a cor branca, os índios utilizam o calcário. Os trabalhos feitos com penas e plumas de pássaros constituem a arte plumária indígena.

Alguns índios realizam trabalhos em madeira. A pintura e o desenho indígena estão sempre ligados à cerâmica e à cestaria. Os cestos são comuns em todas as tribos, variando a forma e o tipo de palha de que são feitos. Geralmente, os índios associam a música instrumental ao canto e à dança.



TRIBOS INDÍGENAS DO BRASIL



Após 500 anos do descobrimento do Brasil, ainda existe 215 nações e 170 línguas indígenas diferentes. Muitas delas preservam a riqueza de sua cultura e arte.

Confira abaixo em ordem alfabética de tribos algumas destas nações sobreviventes:

A

Aimoré Grupo não-tupi, também chamado de botocudo, vivia do sul da Bahia ao norte do Espírito Santo. Grande corredores e guerreiros temíveis, foram os responsáveis pelo fracasso das capitanias de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo. Só foram vencidos no início do século 20. Eram apenas 30 mil

Apalai

Nomes alternativos: Aparai, Apalay

Classificação lingüística: Carib

População: 450 (1993 SIL)

Local: Pará, principalmente no Rio Paru Leste, com remanescentes nos rios Jari e Citare. 20 aldeias

Apinayé

Nomes alternativos: Apinajé, Apinagé

Classificação lingüística: Macro-Gê

População: 800 (1994 SIL)

Local: Tocantins, perto de Tocantinópolis, 6 aldeias

Apurinã

Nomes alternativos: Ipurinã, Kangite, Popengare

Classificação lingüística: Arawak

População: 2,000 (1994 SIL)

Local: Amazonas, Acre; espalhados sobre 1600 quilômetros do Rio Purus, de Rio Branco até Manaus

Arara do Pará

Nomes alternativos: Ajujure

Classificação lingüística: Caribe

População: 110 (1994 SIL)

Local: Pará em 2 aldeias

Asurini do Tocantins

Nomes alternativos: Assuriní, Akwaya

Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Tenetehara (IV)

População: 191 (1995 AMTB)

Local: Trocará on the Tocantins River, Pará



Asurini do Xingu

Nomes alternativos: Awaté

Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Kayabi-Arawete (V)

População: 63 (1994 ALEM)

Local: Pelo menos uma aldeia de tamanho razoável fica no Rio Piçava cerca do Rio Xingu, perto de Altamira, Pará

Atroari

Nomes alternativos: Atruahí, Atroaí, Atrowari, Atroahy, Ki'nya

Classificação lingüística: Caribe

População: 350 (1995 SIL)

Local: Nos rios Alalau e Camanau na fronteira entre o estado de Amazonas e o território de Roraima. Também nos rios Jatapu e Jauaperi



Avá-Canoeiro

Povo de língua da família Tupi-Guarani que vivia entre os rios Formoso e Javarés, em Goiás. Em 1973, um grupo foi contatado. Foram pegos "a laço" por uma equipe chefiada por Apoena Meireles, e transferidos para o Parque Indígena do Araguaia (Iha do Bananal) e colocados ao lado de seus maiores inimigos históricos, os Javaé. Parte da área indígena Avá-Canoeiro, identificada em 1994 com 38.000 ha, nos municípios de Minaçu e Cavalcante em Goiás, está sendo alagada pela hidrelétrica Serra da Mesa, no rio Maranhão.

B

Banawá

Nomes alternativos: Kitiya, Banavá, Banauá, Jafí

Auto-denominação: Kitiya

Classificação lingüística: Arawak

População: 80

Local: Amazonas, rio acima bem distante dos Jamamadi. A metade mora no Rio Banawá, outros em riachos pequenos e em locais espalhados. 1 aldeia e 2 colonias de famílias extensas

Bororo

Classificação lingüística: Macro-Gê, Bororo

População: 1000+

Local: Mato Grosso central, 7 aldeias

Povo falante de língua do tronco macro-jê. Os Bororo atuais são os Bororo Orientais, também chamados Coroados ou Porrudos e autodenominados Boe. Os Bororo Ocidentais, extintos no fim do século passado, viviam na margem leste do rio Paraguai, onde, no início do séc. XVII, os jesuítas espanhóis fundaram várias aldeias de missões. Muito amigáveis, serviam de guia aos brancos, trabalhavam nas fazendas da região e eram aliados dos bandeirantes. Desapareceram como povo tanto pelas moléstias contraídas quanto pelos casamentos com não-índios.



C

Caeté

Os deglutidores do bispo Sardinha viviam desde a ilha de Itamaracá até as margens do Rio São Francisco. Depois de comerem o bispo, foram considerados "inimigos da civilização". Em 1562, Men de Sá determinou que fossem "escravizados todos, sem exceção". Assim se fez. Seriam 75 mil

Caiapós

Explorando a riqueza existente nos 3,3 milhões de hectares de sua reserva no sul do Pará - especialmente o mogno e o ouro -, os caiapós viraram os índios mais ricos do Brasil. Movimentam cerca de U\$15 milhões por ano, derrubando, em média, 20 árvores de mogno por dia e extraíndo 6 mil litros anuais de óleo de castanha. Quem iniciou a expansão capitalista dos caiapós foi o controvertido cacique Tutu Pompo (morto em 1994). Para isso destituiu o lendário Raoni e enfrentou a oposição de outro caiapó, Paulinho Paiakan. Ganhador do Prêmio Global 500 da ONU, espécie de Oscar ecológico, admirado pelo príncipe Charles e por Jimmy Carter, Paiakan foi acusado do estupro de uma jovem estudante branca, em junho de 1992. A absolvição, em novembro de 94, não parece tê-lo livrado do peso da suspeita. Paiakan - mitificado na Europa, criminoso no Brasil - é uma contradição viva e um símbolo da relação entre brancos e índios.



Caiuá

Nomes alternativos: Kaiwá, Kaajova, Kaiova, Kaiowá
Auto-denominação: Te'yi
Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Subgrupo I
População: 27.000
Local: Mato Grosso do Sul

Canela

Nomes alternativos: Kanela
Classificação lingüística: Macro-Gê,
Gê-Kaingang, Gê, Noroeste, Timbira
População: 1,420 (1995 SIL), inclusive 950 Ramkokamekra, 470 Apanjekra
Local: Maranhão, sudeste do Pará

Carijó: seu território ia de Cananéia (SP) até a Lagoa dos Patos (RS). Vistos como "o melhor gentio da costa", foram receptivos à catequese. Isso não impediu sua escravização em massa por parte dos colonos de São Vicente. Em 1554, participaram do ataque a São Paulo. Eram cerca de 100 mil

Cinta Larga

Classificação lingüística: Tupi, Monde
População: 1,000 (1995 SIL)
Local: Oeste de Mato Grosso



D

Deni

Nomes alternativos: Dani
Classificação lingüística: Arawak
População: 600 (1986 SIL)
Local: Amazonas

F

Fulniô

Nomes alternativos: Furniô, Forniô, Carnijó, Iatê, Yatê

Classificação lingüística: Macro-Gê, Fulnio

População: 2,788 (1995 SIL)

Local: Pernambuco

G

Guajajara

Nomes alternativos: Guazazara, Tenetehar, Tenetehára

Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Tenetehara (IV)

População: 13.000 - 14.000

Local: Maranhão, 81 aldeias

Goitacá

Ocupavam a foz do Rio Paraíba. Tidos como os índios mais selvagens e cruéis do Brasil, encheram os portugueses de terror. Grandes canibais e intrépidos pescadores de tubarão. Eram cerca de 12 mil.

Guarani Mbyá

Nomes alternativos: Mbyá, Guarani

Auto-denominação: Guarani

Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Subgrupo I

População: 15.000 no Brasil, no Paraguai e na Argentina

Local: Sudoeste do Paraná, Sudeste de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais. 35 aldeias. Também na Argentina



H

Hixkaryana

Nomes alternativos: Hixkariana, Hishkaryana, Parukoto-Charuma, Parucutu, Chawiyana, Kumiyana, Sokaka, Wabui, Faruaru, Sherewyana, Xerewyana, Xereu, Hichkaryana

Classificação lingüística: Caribe

População: 804 (censo de Maio, 2001)

Local: Amazonas, Rio Nhamundá acima até os rios Mapuera e Jatapú

Hupda

Nomes alternativos: Hupdé, Hupdá Makú, Jupdá Macú, Makú-Hupdá, Macú De Tucano, Ubdé

Classificação lingüística: Maku (Puinave, Macro-Tucano)

População: 1,208 no Brasil (1995 SIL); 150 na Colômbia (1991 SIL); 1,350 nos dois países

Local: Rio Auari, noroeste de Amazonas

I

Ianomâmi ou Yanomâmi Waicá Central

Nomes alternativos: Yanomâmi, Waicá, Waiká, Yanoam, Yanomam, Yanomamé, Surara, Xurima, Parahuri

Classificação lingüística: Yanomam

População: 4.500

Local: Posto Waicá, Rio Uraricuera, Roraima, Posto Toototobi, Amazonas, Rio Catrimani, Roraima

Povo constituído por diversos grupos cujas línguas pertencem à mesma família, não classificada em troncos. Denominada anteriormente Xiriâna, Xirianá e Waiká, a família Yanomami abrange as línguas Yanomami, falada na maior extensão territorial, Yanomám ou Yanomá, Sanumá e Ninam ou Yanam, as quatro com vários dialetos. Os Yanomami vivem no oeste de Roraima, no norte do Amazonas e na Venezuela, num total de 20 mil índios.



Ikpeng

Nomes alternativos: Txikão, Txikân, Chicao, Tunuli, Tonore

Classificação lingüística: Carib

População: 240
Local: Parque Xingu, Mato Grosso

J

Jamamadi

Nomes alternativos: Yamamadí, Kanamanti, Canamanti
Classificação lingüística: Arawak
População: 250
Local: Amazonas, espalhados sobre 512.000 km²

Jarawara

Nomes alternativos: Jaruára, Yarawara
Classificação lingüística: Arawá
População: 160
Data do início do trabalho da SIL: 1987
Local: Seis aldeias dentro da area indígena Jamamadi-Jarawara, no município de Lábrea, Amazonas. A reserva fica perto do rio Purus, acima de Lábrea e no lado oposto do rio.

Juma

Nomes alternativos: Yumá, Katauixi, Arara, Kagwahiva, Kagwahibm, Kagwahiv, Kawahip, KavaHiva, Kawaib, Kagwahiph
Auto-denominação: Kagwahiva
Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Kawahib (VI)
População: Havia 300 em 1940
Local: Amazonas, Rio Açuã, tributário do Mucuí



Juruna

Povo indígena cuja língua é a única representante viva da família Juruna, do tronco Tupi. Autodenominam-se Yudjá; o nome Juruna significa, em Tupi-Guarani, “bocas pretas”, porque a

tatuagem características desses índios era uma linha que descia da raiz dos cabelos e circundava a boca. Na metade do século XIX tinham uma população estimada em 2.000 índios, que viviam no baixo rio Xingu. Um grupo migrou mais para o alto do rio, hoje em território compreendido pelo Parque do Xingu (MT). Segundo levantamento de médicos da Escola Paulista de Medicina, que prestam serviços de saúde aos índios do parque, em 1990 eram 132 pessoas. Alguns Juruna vivem dispersos na margem direita do médio e baixo rio Xingu, e há um grupo de 22 índios, segundo dados da Funai de 1990, que vive na Volta Grande do rio Xingu, numa pequena área indígena chamada Paquiçaba, no município de Senador José Porfírio, no sudeste do Pará. Suas terras serão atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

K

Kaapor

Nomes alternativos: Urubu-Kaapor

Auto-denominação: Ka'apor

Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Oyampi (VIII)

População: 800

Local: Maranhão, 10 aldeias espalhadas sobre 7168 km². Há quatro aldeias grandes, Zê Gurupi, Ximbo Renda, Gurupi-una e Água Preta

Os primeiros encontros de paz dos Kaapor com os brasileiros ocorreram em 1928 em Canindé no rio Gurupi. Em 1928 era conhecido como Posto Indígena Pedro Dantas. Naquela época, o Posto se encontrava na ilha na frente do local atual de Canindé, do lado do Pará. Veja as três perspectivas sobre estes encontros neste website do Kaapor. Com a chegada de civilização os Kaapor se retiraram para a selva até que a reserva presente foi demarcada. A população estava estável com cerca de quinhentas pessoas por muitos anos. Houve um censo feito pelo chefe do Posto Canindé em 1968 e a população foi enumerada em um pouco mais de quinhentas pessoas. Naquela época, o chefe do posto foi a quase todas as aldeias e fez um censo. Mais um censo foi feito pelo chefe do Posto Turiaçu no final dos anos 70. Mais uma vez, foram enumerados em pouco mais de quinhentas pessoas. Desde então a distribuição de medicamentos por vários grupos ajudou a combater a mortalidade infantil, e também ajudou aos adultos a sobreviverem epidemias de gripe forte. Atualmente (2002) os Kaapor estão enumerados em cerca de oitocentas pessoas.

Uma característica interessante da língua Kaapor foi o desenvolvimento de uma língua de sinais entre eles. Existem vários surdos-mudos entre eles que são capazes de se comunicar com outros que não são surdos-mudos. O povo desenvolveu uma língua de sinais entre si (sistema de comunicação intra-tribal). Um surdo-mudo visitando uma aldeia distante tem capacidade de se comunicar com um membro de outra aldeia sem problema. (Um trabalho sobre a língua de sinais Kaapor será publicado neste web site no futuro.)

Uma outra característica interessante é sua elaborada cerimônia de nomeação, com muitos enfeites de pena. No dia de nomear o(s) filho(s), esperam o nascimento do sol, e enfrentando o sol nascente o padrinho escolhido dançará com uma criança em seus braços, tocando um apito feito do osso do pé do gavião-real. Diversas crianças podem ser nomeadas durante esta cerimônia. O padrinho e o pai da criança têm ornamentos feitos de penas tais como um capacete feita das penas da cauda do pássaro japu, uma peça nos lábios decorada com a pena da cauda da arara como base, brincos, pulseiras, e às vezes faixas no braço também. Esta cerimônia está precedida por uma noite de bebedeira onde consomem quantidades grandes de cerveja feita de beiju (purê de mandioca tostada em bolinhos

redondos) de banana ou de caju. A língua Kaapor tem 14 consoantes e 6 vogais que são orais e podem ser nasais.

Kadiwéu

Nomes alternativos: Mbaya-Guaikuru, Caduvéu, Ediu-Adig

Classificação lingüística: Mataco-Guaicuru

População: 2 mil

Local: Mato Grosso do Sul, cerca da Serra da Bodoquena. 3 aldeias

Kaiapó

Ou Kayapó, ou Caiapó. Povo de língua da família Jê. Distribuem-se por 14 grupos, num vasto território que se estende do SE do Pará ao N do Mato Grosso, na região do rio Xingu. Os grupos são: Gorotire, Xikrin do Cateté, Xikrin do Bacajá, A'Ukre, Kararaô, Kikretum, Metuktire (Txucarramãe), Kokraimoro, Kubenkrankén e Mekragnoti. Há indicações de pelo menos três outros grupos ainda sem contato com a sociedade nacional.



Kaingang

Nomes alternativos: Coroado, Coroados, Caingang, Bugre

Classificação lingüística: Macro-Gê, Gê-Kaingang, Kaingang do norte

População: 18,000 (1989 U. Wiesemann SIL)

Local: São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul; 21 locais

Kaingang

Ou Caingangue. Povo de língua da família Jê. Também conhecidos como Coroados, vivem em 26 pequenas áreas indígenas no interior dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. São aproximadamente 7.000 índios.



Kamayurá

Nomes alternativos: Kamaiurá, Camaiura, Kamayirá
Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Kamayura (VII)
População: 279 (1995 AMTB)
Local: Parque Xingu, Mato Grosso

Karajá

Nomes alternativos: Xambioá, Chamboa, Ynã
Classificação lingüística: Macro-Gê, Karaja
População: 1,700 (1995 SIL)
Local: Goiás, Pará, Mato Grosso, Rio Araguaia, Ilha Bananal, e Tocantins



Karipuna do Amapá

Nomes alternativos: Karipúna, Karipúna do Uaçá, Patuwa
Classificação lingüística: Crioulo (francês)
População: 672 (1995 SIL)
Local: Amapá, na fronteira da Guiana Francesa

Karitiana

Nomes alternativos: Caritiana
Classificação lingüística: Tupi, Arikem

População: 150 (1995 SIL)
Local: Rondônia

Kaxarari

Nomes alternativos: Kaxariri
Classificação lingüística: Pano
População: 220 (1995 AMTB)
Local: Alto Rio Marmelo, tributário do Rio Abuna, Acre, Rondônia, Amazonas

Kayabi

Nomes alternativos: Kajabí, Caiabi, Parua, Maquiri
Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Kayabi-Arawete (V)
População: 800 (1994 SIL)
Local: Norte de Mato Grosso, Parque Xingu, e sul do Pará; Rio Teles Pires e Tatui, muitas aldeias

Kayapó

Nomes alternativos: Xikrin, Txukahamai
Auto-denominação: Mebêngôkre
Classificação lingüística: Macro-Gê, Gê, Kayapó
População: 5.000
Local: Parque Xingu, Mato Grosso, sul do Pará. 9 aldeias

Antigamente os Kayapó eram considerados uma tribo muito belicosa e agressiva morando no sul do Pará e norte de Mato Grosso, vagueando por um território vasto desde a margem leste do Xingu até o Tapajós. A parte oriental da tribo foi pacificada por volta de 1940, e a parte ocidental na década de 50, pelos irmãos Villas Boas. Eles guerreavam com tribos vizinhas como Karajá, Juruna, Xavante, Tapirapé, Kreen-Akorore e outras, como também ribeirinhos, seringueiros e outros no local. Eles matavam, tocavam fogo nas aldeias e vilarejos, roubavam e sequestravam. Alguns dos cativos ainda hoje estão vivos, integrados na sociedade Kayapó, casados com filhos e netos. Além de guerrear com não-Kayapó, eles também praticavam guerra interna, com aldeias diferentes atacando e se matando umas as outras. Hoje em dia não tem mais guerra interna, nem guerra contra outras tribos, porém eles insistem em sua natureza belicosa, pois atacam aqueles que invadem suas terras.

Alguns aspectos distintivos da cultura Kayapó são os bодоques que os homens costumavam usar e ainda são usados por alguns, embora a nova geração não continue a praticar. Outro aspecto é a pintura corporal, uma coisa muito bonita, feita com linhas geométricas e intrincadas. Crianças e adultos de ambos os sexos costumam usar. As primorosas festas constituem outro aspecto muito interessante. Estas festas chegam ao clímax, depois de um período de meses, durante o qual cada ritual se adere minuciosamente com suas canções, danças e cerimônias especiais próprias para aquela festa. A língua tem 17 vogais e 16 consoantes, e padrão distinto de entoação e vogal prolongada para dar ênfase.

Krahô

Classificação lingüística: Macro-Gê População: 1,200 (1988 SIL)
Local: Maranhão, sudeste do Pará, Tocantins, 5 aldeias

Kuikuro

Nomes alternativos: Kuikuru, Guicurú, Kurkuro, Cuicutl, Kalapalo, Apalakiri, Apalaquiri
Classificação lingüística: Carib
População: 526, inclusive 277 Kuikuro e 249 Kalapalo (1995 AMTB)
Local: Parque Xingu, Mato Grosso

Kurâ-Bakairi

Nomes alternativos: Bakairí, Bacairí, Kura
Classificação lingüística: Caribe
População: 800 - 900
Local: Mato Grosso em 9 ou 10 aldeias

M

Mamaindé

Nomes Alternativos: Nambikuára do Norte
Auto-Denominação: Mamaindé
Classificação lingüística: Nambikuára, Nambikuára do Norte, Mamaindé
População: 170+
Local: Mato Grosso, na divisa de Rondônia

Maxakali

Nomes alternativos: Caposho, Cumanasho, Macuni, Monaxo, Monocho
Classificação lingüística: Macro-Gê, Maxakali
População: 728 (1994 SIL)
Local: Minas Gerais, 160 km interior do litoral, 14 aldeias

Munduruku

Nomes alternativos: Mundurucu, Weidyenye, Paiquize, Pari, Caras-Pretas
Classificação lingüística: Tupi
População: 7.000 ou mais
Local: Pará, Amazonas. 22 aldeias

Os Munduruku vivem em 32 aldeias, em três áreas no Pará e Amazonas. Eles vivem da caça, pesca, coleta e agricultura. O grau de bilingüismo dos Munduruku não é muito alto, sendo o dos homens maior do que o das mulheres e crianças.

N

Nadëb

Nomes Alternativos: Makú-Nadëb, Makú
Auto-Denominação: Nadëb
Classificação lingüística: Makú, Nadëb
População: 300
Local: 2 aldeias: Rio Uneixi e Rio Japurá, Amazonas

Nambikuara

Nomes Alternativos: Nambikuara do Sul, Nambikwara, Nambiquara

Classificação lingüística: Nambikuara, Nambikuara do Sul, Nambikuara

População: 900

Local: Noroeste de Mato Grosso, espalhados na rodovia Porto Velho-Cuiabá por cerca de 300 km. 10 aldeias

P

Palikur

Classificação lingüística: Aruák, Aruák do Norte, Palikur

População: 1600 no Brasil e na Guiana Francesa

Local: Nos litorais do Norte às margens dos rios, Amapá

Parakanã

Nomes alternativos: Parakanân, Parocana

Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Tenetehara (IV)

População: 451 (1995 AMTB)

Local: Pará, Parque Xingu, parte inferior do Rio Xingu

Paresi

Nomes alternativos: Parecis, Paressí, Haliti

Auto-denominação: Haliti

Classificação lingüística: Arawak

População: 1,200 (1994 SIL)

Local: Mato Grosso, 6,000 km². 15 a 20 aldeias

Paumari

Nomes alternativos: Paumarí, Palmari

Auto-denominação: Pamoari

Classificação lingüística: Arawá

População: 700

Local: Amazonas. 4 aldeias



Pataxó

Povo de língua da família Maxacali, do tronco Macro-Jê. Abandonou sua língua original e expressa-se apenas em português. Vive no sul da Bahia, em Barra Velha, Coroa Vermelha e Monte Pascoal, em zona economicamente valorizada (cacau e turismo), nos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália e nas áreas indígenas Mata Medonha e Imbiriba. Em 1990, eram aproximadamente 1.600 índios.

Pirahã

Nomes alternativos: Múra-Pirahã
Classificação lingüística: Mura
População: Cerca de 300
Local: Amazonas, nos rios Maici e Autaces

Potiguar

Senhoreavam a costa desde São Luís até as margens do Parnaíba, e das margens do Rio Acaraú, no Ceará, até a cidade de João Pessoa, na Paraíba. Exímios canoieiros, inimigos dos portugueses, seriam uns 90 mil

R

Rikbaktsa

Nomes alternativos: Aripaktsa, Erikbatsa, Erikpatsa, Canoeiro
Classificação lingüística: Macro-Gê
População: 970
Local: Mato Grosso, confluência dos rios Sangue e Juruena, Japuirá na beira do leste do Juruena entre os rios Arinos e Sangue, e Posto Escondido na beira do oeste do Juruena 700 quilômetros ao norte. 9 aldeias e 14 colônias.



S

Sateré-Mawé

Nomes alternativos: Maue, Mabue, Maragua, Sataré, Andira, Arapium
Classificação lingüística: Tupi, Mawé-Satere
População: 9,000 (1994 SIL)
Local: Pará, Andirá e outros rios. Talvez também em Amazonas. Mais de 14 aldeias

Suruí do Pará

Nomes alternativos: Akewere, Akewara, "Mudjetíre", "Mudjetíre-Suruí", Suruí

Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Tenetehara (IV)

População: 140 (1995 A. Graham SIL)

Local: Pará, 110 km. de Marabá, no município de São João do Araguaia

Surui de Rondônia

Nomes alternativos: Suruí

Auto-denominação: Paíter, Paiter

Classificação lingüística: Tupi, Mondé, Suruí

População: 900

Local: Rondônia, na fronteira entre Rondônia e Mato Grosso

Suyá

Classificação lingüística: Macro-Gê

População: 196, inclusive 31 Tapayuna (1995 AMTB)

Local: Parque Xingu, Mato Grosso, fonte do Rio Culuen.

T



Tenharim

Nomes alternativos: Tenharem, Tenharin

Auto-denominação: Kagwahiva

Classificação lingüística: Tupi

População: 465

Local: Amazonas. Os Diahói moram no rio Marmelos, os Karipuna no Posto Rio Jaci Paraná em Rondônia, os Morerebi no Rio Preto e Marmelos. 2 aldeias

Terena

Nomes alternativos: Terêna, Tereno, Etelena

Classificação lingüística: Arawak

População: 20.000

Local: Mato Grosso do Sul, em 20 aldeias e 2 cidades

O povo Terena mora principalmente no estado de Mato Grosso do Sul, ocupando áreas entre Campo Grande, ao leste, e o Rio Miranda, ao oeste. Residem em mais ou menos vinte aldeias, havendo as maiores concentrações nas seguintes áreas:

1. Cachoeirinha/Moreira, na vizinhança de Miranda
2. Taunay-Bananal, entre Miranda e Aquidauana que fica uma hora de ônibus das duas cidades
3. Limão Verde, na área de Aquidauana
4. Buriti e outras aldeias perto, na vizinhança de Campo Grande População: aproximadamente 20,000.

A SIL começou a trabalhar entre os terena em 1957. Naquela época, pensava-se que este grupo já tivesse sido bastante assimilado na sociedade brasileira. A sua antiga estrutura política tribal já não funcionava mais, e a maioria dos seus costumes e crenças tradicionais não estavam sendo praticados mais. Em ocasiões especiais como no Dia do Índio, 19 de abril, ainda fazem a Dança da Ema com as suas sete peças. Na região é conhecida como a dança do Bate-Pau. Embora os terenas sejam um povo basicamente agricultor, mudanças significativas têm ocorrido durante os últimos cinquenta anos. Com maior ênfase agora em adquirir uma boa educação escolar, há maior diversidade hoje em dia na maneira que ganham a vida.

Tremembé

Grupo não-tupi, que vivia do sul do Maranhão ao norte do Ceará, entre os dois territórios potiguares. Grande nadadores e mergulhadores, foram, alternadamente, inimigos e aliados dos portugueses. Eram cerca de 20 mil

Tabajara

Viviam entre a foz do Rio Paraíba e a ilha de Itamaracá. Aliaram-se aos portugueses. Deviam ser uns 40 mil

Temiminó

Ocupavam a ilha do Governador, na baía de Guanabara, e o sul do Espírito Santo. Inimigos dos tamoios, aliaram-se aos portugueses. Sob liderança de Araribóia, foram decisivos na conquista do Rio. Eram 8 mil na ilha e 10 mil no Espírito Santo.

Tamoio

Os verdadeiros senhores da baía de Guanabara, aliados dos franceses e liderados pelos caciques Cunhambebe e Aimberê, lutaram até o último homem. Eram 70 mil.

Tupinambá

Consituam o povo tupi por excelência. As demais tribos tupis eram, de certa forma, suas descendentes, embora o que de fato as unisse fosse a teia de uma inimizade crônica. Os tupinambás propriamente ditos ocupavam da margem direita do rio São Francisco até o Recôncavo Baiano. Seriam mais de 100 mil.

Tupiniquim

Foram os índios vistos por Cabral. Viviam no sul da Bahia e em São Paulo, entre Santos e Bertioga. Eram 85 mil.

W

Wai-wai

Ou Waiwai, Uaiyai. Povo de língua da família Karíb. Vivem na área indígena Nhamundá-Mapuera, na fronteira do Pará com o Amazonas, e Waiwai, em Roraima. A população é constituída por uma mistura de várias tribos atraídas e assimiladas por eles ao longo dos anos, entre as quais as dos Karafawyana, dos Kaxuyana e dos Hixkariana. Em 1990, segundo a Funai, somavam cerca de 1.250 índios.

Waiãpi

Nomes alternativos: Wayampi, Wayãpi, Oyampi, Oiampi, Oyampik, Guayapi

Auto-denominação: Waiãpi

Classificação lingüística: Tupi, Tupi-Guarani, Subgrupo 8, Wayampi

População: 1000+

Local: Várias aldeias nos tributários do rio Amapari na parte leste do Amapá e nos rios Oiapoque e Camopi na Guiana Francesa; há também uns poucos falantes no rio Paru Leste, na parte nordeste do Pará, Brazil

Waurá

Nomes alternativos: Uaura, Aura

Classificação lingüística: Arawak

População: 300

Local: Parque Xingu, Mato Grosso

X

Xavante

Nomes Alternativos: Xavánte, Shavante, Chavante

Auto-Denominação: A'uw?

Classificação lingüística: Macro-Gê, Gê,

Agrupamento Akwén, Xavante

População: 10.000+

Local: Na parte leste do Mato Grosso, 60 aldeias



Os Xavante são um povo forte e orgulhoso, tendo a reputação de serem muito agressivos e guerreiros. A primeira tentativa de pacificar os Xavante ocorreu no século 19, quando o governador da província

de Goiás arrebanhou muitos Xavantes naquela área e os instalou num grupo de aldeias oficiais com outros grupos tribais e não-indígenas. Eles não se conformaram com a perspectiva de ficarem ali por muito tempo, e eventualmente fugiram de volta para a selva. Eles permaneceram relativamente imperturbados e inatingíveis até à década dos '40 e '50. Até fins dos '50, todas as facções Xavante, que tinham migrado para o estado de Mato Grosso, tinham sido pacificados – o último dos grandes grupos tribais no Brasil a iniciar contato regular com o mundo de fora.

A característica mais marcante da sociedade Xavante pode ser a sua feição dualista: a divisão da tribo inteira em dois clãs – *âwaw?* e *po'reza'õno*. Permite-se o casamento somente entre membros de clãs opostos. Algumas outras características distintas da cultura Xavante incluem os longos e complexos ritos de iniciação para meninos, culminando na cerimônia de furar orelha – no qual pequenos paus são inseridos no lóbulo das orelhas dos iniciados. Estes paus são usados – e em tamanhos progressivamente maiores – durante o resto das vidas deles. Os Xavante são famosos também pelas suas corridas de troncos de árvore, onde os dois clãs competem numa espécie de corrida de revezamento, carregando por alguns quilômetros troncos de buriti que pesam até 80 kilogramas. As mulheres tecem um tipo de cesta incrivelmente forte, a qual elas usam para carregar os nenês recém-nascidos. A ampla alça da cesta passa pela testa da mulher, enquanto a cesta mesma fica deitada nas costas dela, livrando assim, as mãos da mulher para outros trabalhos. Uma aldeia tradicional é construída com as casas dispostas em forma de ferradura de cavalo, dando-se o seu lado aberto para o rio. O domínio da mulher é a casa, cujo abertura sempre dá para o centro da aldeia. O domínio do homem é o lugar de reuniões no centro da aldeia, onde são tomadas todas as decisões importantes no conselho diário dos homens.

A língua Xavante contém 13 consoantes e 13 vogais – das quais quatro são nasais. Termos de honra e carinho são usados com referência a outros, como os parentes por afinidade e os netos. Muitos destes relacionamentos chave são atualmente refletidos na gramática da língua. Por exemplo, ao falar diretamente ao genro, um homem usará a forma gramática indireta (terceira pessoa) em vez das formas da segunda pessoa. (Para mais sobre este assunto, veja a publicação neste site com o título *Xavante Morphology and Respect/Intimacy Relationships* (em Inglês, 312 kB).)

Xokleng

Nomes alternativos: Aweikoma, Bugre, Botocudos

Classificação lingüística: Macro-Gê, Gê-Kaingang, Kaingang do norte

População: 250 falantes (1975) de um grupo étnico de 634 (1986 SIL)

Local: Santa Catarina, no tributário do Rio Itajaí.

Y

Yuhup

Nomes alternativos: Makú-yahup, Yëhup, Yahup, Yahup Makú, "Maku"

Classificação lingüística: Maku

População: 360 no Brasil (1995 MTB); 600 em total (1986 SIL)

Local: Amazonas, num tributário do Rio Vaupés. Talvez também na Colômbia



O índio é um assunto sempre presente em nossas vidas. Muito se fala dele, seja por canais de comunicação, revistas, jornais ou por meio de nossa própria cultura. No entanto é importante ressaltar, que pouco se sabe sobre ele, seu modo de viver, suas tradições, seus hábitos e crenças. Estima-se que atualmente existam cerca de 300 mil índios em território brasileiro, número este que nos faz refletir quando pensamos nos quase 6 milhões que existiam em nosso país antes da chegada dos colonizadores. Para compreendermos melhor esta situação basta dizer que se todos os índios brasileiros fossem colocados no Mineirão seriam necessários pouco mais que dois clássicos para comportar a população indígena. O caso mais grave de nossos dias se encontra no Paraná com os Avás-canoeiros tribo da qual só restam três membros.

O encontro de raças caracterizou-se por um grande massacre não só de vidas, mas de uma belíssima cultura. Extinguiu-se línguas, mitos, costumes, conhecimentos, técnicas e artefatos. Sem dúvida um patrimônio cultural que jamais será recuperado. Na realidade podemos afirmar que desde a chegada dos portugueses no Brasil até os dias de hoje, tem havido uma luta constante contra o índio. Luta na qual só existe um ganhador. A vitória é daquele que se julga civilizado. Um outro fenômeno importante de se destacar é a assimilação de seus membros na sociedade brasileira, o que contribui sem dúvida no decréscimo da população indígena.

Em meados da década de 30 o etnógrafo Claude Levi Stauss esteve no Brasil e registrou suas observações em seu livro *Tristes Trópicos*. Podemos verificar nesta passagem a imposição de uma outra cultura à Tribo dos Tibagy até então localizada nos estados do Paraná e Santa Catarina. “ Com grande decepção minha os índios do Tibagy não eram, portanto, nem totalmente índios “verdadeiros” nem, principalmente, “selvagens”. ... Ao encontra-los menos intactos do que contava, ia descobrir que eram mais secretos do que aquilo que podia esperar da sua aparência exterior. Eram uma ilustração perfeita dessa situação sociológica que tende a tornar-se exclusiva do observador da Segunda metade do século XX, a de primitivos aos quais a civilização fora brutalmente imposta e que deixam de interessar logo que se encontra eliminado o perigo que pareciam constituir. A sua cultura, formada em parte por antigas tradições que resistiram à influência dos brancos..... e por outra parte por contributos da sociedade moderna...”

O contato entre duas civilizações que diferem entre si, tende a gerar impressões, imagens e interpretações, buscando melhor compreensão e entendimento do “outro”, o que nem sempre condiz com a realidade propriamente dita. De certa forma, em localidades de pouca aproximação e contato com tribos indígenas como os centros urbanos, a imagem do índio é enaltecida e romântica. Já em localidade onde o há proximidade com aldeias, a imagem da sociedade indígena é pouco valorizada

chegando a ser negativa. Isto se deve ao antagonismo de interesses uma vez que ambicionam dos mesmos recursos.

É necessário entendê-los e respeitá-los. Compreender que os índios abrangem populações muito diferentes entre si, que a categoria não se define somente por oposição aos brancos ou como um grupo homogêneo. Diferem-se do ponto de vista de costumes, organização, estruturas habitacionais, línguas, porte físico e vários outros aspectos. Por exemplo: Os índios do alto Xingu apresentam uma estatura mediana e mais corpulenta em relação aos grupos Tupi que são sensivelmente mais baixos. Há aqueles que plantam, outros que se apoiam na coleta de recursos difundidos no meio ambiente em que vivem, já outros utilizam-se da caça para se alimentarem, muitos são nômades, outros não. Muitos dispõem suas aldeias em forma de círculo outros em forma de ferradura. Enfim é necessário compreender estas diferenças, conhecê-los a fundo para buscar as soluções que garantam sua prosperidade futura e assegurem-lhe o direito de viver de acordo com seus costumes.

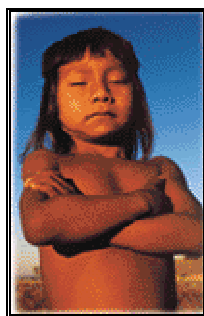
Os índios sem dúvida permeiam nosso imaginário como um mito, uma lenda em nossa cultura, mas a verdade é que nunca foram propriamente valorizados e respeitados. Pelo contrário, são ridicularizados como foi o Cacique Mario Juruna, político que nunca fora ouvido e sim abandonado em Brasília. Sacrificaram suas vidas em prol dos brancos. Muitos foram heróis de nossa história, porém não há livro que relate suas façanhas, nem daqueles que ajudaram os portugueses a ampliar nosso território, a conquistar terras, como Tibiriça, que salvou São Paulo (SP); Araribóia, que venceu os franceses, ou Felipe Camarão, que derrotou os holandeses.



Fazemos aqui nossas homenagens a estes homens, mulheres e curumins. Vamos apreciar suas vidas, valorizar sua cultura e quem sabe nos tornamos um pouco índio, um pouco mais livres e menos dependentes. Não precisa de muito, vamos seguir seus exemplos e sermos amáveis com nossas crianças, que tal se passarmos a respeitar nosso meio ambiente e dele somente retirar o necessário. Vamos nessa brincar como os animais, pisar no chão, respeitar a natureza como suporte de nossa vida social, não apenas como um recurso ambiental mas também um recurso sócio cultural. E que sabe assim encontraremos o tão necessário equilíbrio, equilíbrio este que pode garantir nossa sobrevivência neste mundo que teimamos em destruir.



A participação dos índios na vida brasileira é muito importante de ser ressaltada. São vários os traços e complexos de cultura legado a nós pelos indígenas. Podemos perceber facilmente a presença de vários traços da cultura indígena difundidos em nossa sociedade. Como via de exemplo podemos destacar os aspectos culinários incorporados às nossas mesa como a mandioca, a moqueca, a utilização do milho para preparo de deliciosos quitutes.



Hábitos como banhar em rios, andar descalço, descansar de cócoras, que são facilmente observados principalmente no interior do país. O uso da rede, de cestas, o tabaco, instrumentos musicais, o alçapão, processos de caça e pesca, o anzol, a música, conhecimento de plantas são todos exemplos do legado nos deixado de procedência indígena.

A língua de maior expressão no Brasil no período pré-colonizador entre as diversas sociedades indígenas era o Tupi-guarani, mas o mesmo era dividido em outros grupos fundamentais. O tupi foi suplantado pela língua portuguesa em decorrência do choque cultural, uma vez que a lingüística Tupi não satisfazia as necessidades sociais daquele novo estado de cultura. No entanto, nota-se que o tupi enriqueceu o português implantando-se numerosos vocabulários de origem indígena.

Geralmente a arte indígena manifesta-se através de cânticos, vestuários utensílios, pela pintura corporal, escarificação e perfuração da pele, através de danças entre outros, sendo estes raramente produzidos com o intuito de serem arte propriamente dito. Podemos dizer que na sociedade indígena não existe uma delimitação entre arte e atividade puramente técnica. De mesma forma encontram-se aspectos rituais na produção dos artefatos que são antes de tudo artística.

Cada povo indígena tem uma maneira própria de expressar suas obras, por isto dizemos que não existe arte indígena e sim artes indígenas. As artes indígenas diferem-se muito das demais produzidas em diferentes localidades do globo, uma vez que manuseiam pigmentos, madeiras, fibras, plumas, vegetais e outros materiais de maneira muito singular. Nos relacionamentos entre diferentes povos, inclusive com o branco os artefatos produzidos são objetos de troca, sendo até utilizados como uma alternativa de renda. Muitas tribos enfatizam a produção de cerâmica, outras esculturas em madeira, o

que vale resaltar é que estes aspectos variam de uma tribo para outra. Veja a seguir as principais manifestações artísticas das artes indígenas.



A pintura corporal para os índios tem sentidos diversos, não somente na vaidade, ou na busca pela estética perfeita, mas pelos valores que são considerados e transmitidos através desta arte. Entre muitas tribos a pintura corporal é utilizada como uma forma de distinguir a divisão interna dentro de uma determinada sociedade indígena, como uma forma de indicar os grupos sociais nela existentes, embora exista tribos que utilizam a pintura corporal segundo suas preferencias. Os materiais utilizados normalmente são tintas como o urucu que produz o vermelho, o genipapo da qual se adquire uma coloração azul marinho quase preto, o pó de carvão que é utilizado no corpo sobre uma camada de suco de pau-de-leite, e o calcáreo da qual se extrai a cor branca.

As vestimentas adornadas de plumas são geralmente utilizadas em ocasiões especiais como os ritos. O uso de plumas na arte indígena se dá de dois modos, para colagem de penas no corpo e para confecção e decoração de artefatos como por exemplo as máscaras colares etc.

A confecção de instrumentos de pedra (ex.: machadinhas) fora de extrema importância no passado indígena, mas nos dias atuais os índios não mais costumam produzir artefatos em pedra devido à inserção de instrumentos de ferro, que se mostraram mais eficientes e práticos, embora algumas tribos ainda utilizam estes artefatos para ocasiões especiais.



A madeira é utilizada para a fabricação de diversos trabalhos nas sociedades indígenas. Vários artefatos são produzidos como ornamentos, máscaras, banquinhos, bonecas, reprodução de animais e homens, pequenas estatuetas, canoas entre vários outros. Os karajá, por exemplo, produzem estatuetas na forma humana que nos faz lembrar de uma boneca. No alto Xingu os trabalhos em madeira são bastantes desenvolvidos. São produzidos máscaras, bancos esculpido na forma animal, notando-se grande habilidade no trabalho, sendo sua demanda comercial muito grande advinda principalmente de turistas.

Nos trabalhos de cestaria dos índios há uma definição bastante clara no estilo do trabalho, de forma que um estudioso da área pode através de um trabalho em trançado facilmente identificar a região ou até mesmo que tribo o produziu. As cestarias são utilizada para o transporte de víveres, armazenamento, como recipientes, utensílios, cestas, assim como objetos como esteiras.

A fabricação de artefatos de cerâmica não é característica de todas as tribos indígenas, entre os Xavantes por exemplo ela falta totalmente, em algumas sua confecção é bastante simples, mas o que é importante ressaltar é que por mais elaborada que seja a cerâmica sua produção é sempre feita sem a ajuda da roda de oleiro. As cerâmicas são utilizada na fabricação de bonecas, panela, vasos e outros recipientes. Muitas são produzidas visando atender a demanda dos turistas.



Os desenhos e as pinturas em geral são acompanhados de outras formas de arte. Estão diretamente ligados a cerâmica, ornamentação do corpo, cestarias, etc havendo entretanto exceções entre algumas tribos que pintam sobre panos de entrecasca. Os desenhos indígenas são normalmente elaborados de forma abstrata e geométrica.

A musica e a dança estão freqüentemente associadas aos índios e a sua cultura, variando de tribo para tribo. Em muitas sociedades indígenas a importância que a musica tem na representação de ritos e mitos é muito grande. Cada tribo tem seus próprio instrumentos, havendo também os instrumentos que são utilizados em diferentes tribos no entanto de diferentes formas como é o caso do maracá ou chocalho, onde em determinadas sociedades indígenas como a dos Uaupés o uso do mesmo acontece em cerimoniais religiosas, já outras tribos como a dos Timbiras é utilizado para marcar ritmo junto a um cântico por exemplo. A dança junto aos indígenas se difere da nossa por não dançarem em pares, a não ser por poucas exceções como acontece no alto Xingú. A dança pode ser realizada por um único indivíduo ou por grupos.

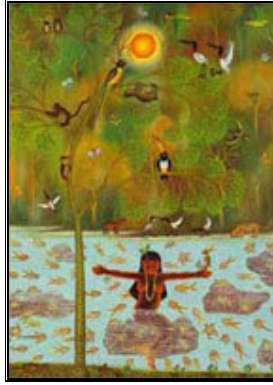


Entre várias tribos de índios é possível observar algumas representações, partes de rito, que poderiam facilmente evoluir no sentido de um teatro. Muitas são representações sem palavras apenas gesto. Outros rituais são cantados, muitos se dão na forma de diálogo.

LENDAS INDÍGENAS



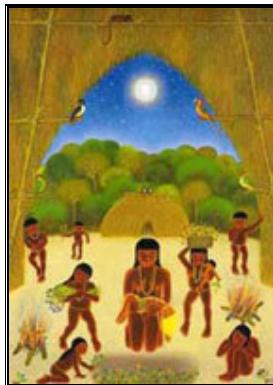
Pode-se conhecer parte da cultura de uma comunidade através da história vivida ou de suas lendas contadas de geração em geração. Algumas lendas indígenas mostram a transformação de um ser em algo que não existia na época em que vivem, assim como a interpretação de mundo, ou surgimento de elementos fundamentais que compõem a sua natureza.



Yara - a rainha das águas

Yara, a jovem Tupi, era a mais formosa mulher das tribos que habitavam ao longo do rio Amazonas. Por sua doçura, todos os animais e as plantas a amavam. Mantinha-se, entretanto, indiferente aos muitos admiradores da tribo. Numa tarde de verão, mesmo após o Sol se pôr, Yara permanecia no banho, quando foi surpreendida por um grupo de homens estranhos. Sem condições de fugir, a jovem foi agarrada e amordaçada. Acabou por desmaiar, sendo, mesmo assim, violentada e atirada ao rio. O espírito das águas transformou o corpo de Yara num ser duplo. Continuaria humana da cintura para cima, tornando-se peixe no restante. Yara passou a ser uma sereia, cujo canto atrai os homens de maneira irresistível. Ao verem a linda criatura, eles se aproximam dela, que os abraça e os arrasta às profundezas, de onde nunca mais voltarão.

Mandioca - o pão indígena



Mara era uma jovem índia, filha de um cacique, que vivia sonhando com o amor e um casamento feliz. Certa noite, Mara adormeceu na rede e teve um sonho estranho. Um jovem loiro e belo descia da Lua e dizia que a amava. O jovem, depois de lhe haver conquistado o coração, desapareceu de seus sonhos como por encanto. Passado algum tempo, a filha do cacique, embora virgem, percebeu que esperava um filho. Para surpresa de todos, Mara deu à luz uma linda menina, de pele muito alva e cabelos tão loiros quanto a luz do luar.

Deram-lhe o nome de Mandi e na tribo ela era adorada como uma divindade. Pouco tempo depois, a menina adoeceu e acabou falecendo, deixando todos amargurados. Mara sepultou a filha em sua oca,

por não querer separar-se dela. Desconsolada, chorava todos os dias, de joelhos diante do local, deixando cair leite de seus seios na sepultura. Talvez assim a filhinha voltasse à vida, pensava. Até que um dia surgiu uma fenda na terra de onde brotou um arbusto.

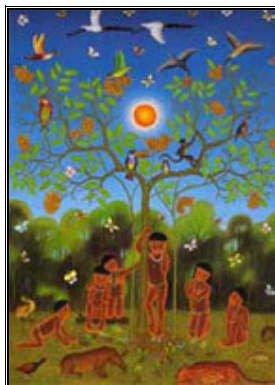
A mãe surpreendeu-se; talvez o corpo da filha desejasse dali sair. Resolveu então remover a terra, encontrando apenas raízes muito brancas, como Mandi, que, ao serem raspadas, exalavam um aroma agradável. Todos entenderam que criança havia vindo à Terra para ter seu corpo transformado no principal alimento indígena. O novo alimento recebeu o nome de Mandioca, pois Mandi fora sepultada na oca.



Mumuru – a estrela dos lagos

Maraí, uma jovem e bela índia, muito amava a natureza. À noite, ficava a contemplar a chegada da Lua e das estrelas. Nasceu-lhe, então, um forte desejo de tornar-se uma estrela. Perguntou ao pai como surgiam aqueles pontinhos brilhantes no céu e, com grande alegria, veio a saber que Jacy, a Lua, ouvia os desejos das moças e, ao se esconder atrás das montanhas, transformava-as em estrelas. Muitos dias se passaram sem que a jovem realizasse seu sonho. Resolveu então aguardar a chegada da Lua junto aos peixes do lago. Assim que esta apareceu, Maraí encantou-se com sua imagem refletida na água, sendo atraída para dentro do lago, de onde não mais voltou. A pedido dos peixes, pássaros e outros animais, Maraí não foi levada para o céu. Jacy transformou-a numa bela planta, ganhando o nome de Mumuru, a vitória-régia.

Guaraná – a essência dos frutos



Aguiry era um alegre indiozinho, que alimentava-se somente de frutas. Todos os dias saía pela floresta à procura delas, trazendo-as num cesto para distribuí-las entre seus amigos. Certo dia, Aguiry perdeu-se na mata por afastar-se demais da aldeia. Jurupari, o demônio das trevas, vagava pela floresta. Tinha corpo de morcego, bico de coruja e também alimentava-se de frutas. Ao encontrar o índio ao lado do cesto, não hesitou em atacá-lo. Os índios encontram-no morto ao lado do cesto vazio. Tupã, o Deus do Bem, ordenou que retirassem os olhos da criança e os plantassem sob uma grande árvore seca. Seus amigos deveriam regar o local com lágrimas, até que ali brotasse uma nova planta, da qual nasceria o fruto que conteria a essência de todos os outros, deixando mais fortes e mais felizes aqueles que dele comessem. A planta que brotou dos olhos de Aguiry possui as sementes em forma de olhos, recebendo o nome de guaraná.



Mavutsin - o primeiro homem

O primeiro homem (kamaiurá). No começo só havia Mavutsinim. Ninguém vivia com ele. Não tinha mulher. Não tinha filho, nenhum parente ele tinha. Era só. Um dia ele fez uma concha virar mulher e casou com ela. Quando o filho nasceu, perguntou para a esposa: É homem ou mulher? é homem. Vou levar ele comigo. E foi embora. A mãe do menino chorou e voltou para a aldeia dela, a lagoa, onde virou concha outra vez. - Nós - dizem os índios - somos netos do filho de Mavutsinim.

O primeiro Kuarup – a festa dos mortos

O primeiro Kuarup, a festa dos mortos (Kamaiurá) Mavutsinim queria que os seus mortos voltassem à vida. Foi para o mato, cortou três toros da madeira de kuarup, levou para a aldeia e os pintou. Depois de pintar, adornou os paus com penachos, colares, fios de algodão e braçadeiras de penas de arara. Feito isso, mavutsinim mandou que fincassem os paus na praça da aldeia, chamando em seguida o sapo cururu e a cutia (dois de cada), para cantar junto dos Kuarup. Na mesma ocasião levou para o meio da aldeia, peixes e beijos para serem distribuídos entre o seu pessoal. Os maracá-êp (cantadores), sacudindo os chocalhos na mão direita, cantavam sem cessar em frente dos kuarup, chamando-os à vida. Os homens da aldeia perguntavam a Mavutsinim se os paus iam mesmo se transformar em gente, ou se continuariam sempre de madeira com eram. Mavutsinim respondia que não, que os paus de kuarup iam se transformar em gente, andar como gente e viver como gente vive.

Depois de comer os peixes, o pessoal começou a se pintar, e a dar gritos enquanto fazia isso. Todos gritavam,. Só os maracá-êp é que cantavam. No meio do dia terminaram os cantos. O pessoal, então, quis chorar os kuarup, que representavam os seus mortos, mas Mavutsinim não permitiu, dizendo que eles, os kuarup, iam virar gente, e por isso não podiam ser chorados. Na manhã do segundo dia Mavutsinim não deixou que o pessoal visse os kuarup. "Ninguém pode ver" - dizia ele. A todo momento Mavutsinim repetia isso. O pessoal tinha que esperar. No meio da noite desse segundo dia os toros de pau começaram a se mexer um pouco. Os cintos de fios de algodão e as braçadeiras de penas tremiam também. As penas mexiam como se tivessem sendo sacudidas pelo vento.

Os paus estavam querendo transformar-se em gente. Mavutsinim continuava recomendando ao pessoal para que não olhasse. Era preciso esperar. Os cantadores - os cururus e as cutias - quando os kuarup começaram, a dar sinal de vida cantaram para que se fossem banhar logo que vissem. Os troncos se mexiam para sair dos buracos onde estavam plantados, queriam sair para fora. Quando o dia principiou a clarear, os kuarup do meio para cima já estavam tomando forma de gente, aparecendo os braços, o peito e a cabeça. A metade de baixo continuava pau ainda. Mavutsinim continuava pedindo que esperassem, que não fossem ver. "Espera... espera... espera" - dizia sem parar.

O sol começava a nascer. Os cantadores não paravam de cantar,. Os braços dos kuarup estavam crescendo. Uma das pernas já tinha criado carne. A outra continuava pau ainda. No meio do dia os paus começavam a virar gente de verdade. Todos se mexiam dentro dos buracos, já mais gente do que madeira. Mavutsinim mandou fechar todas as portas., só ele ficou de fora, junto dos kuarup. Só ele podia vê-los, ninguém mais. Quando estava quase completa a transformação de pau para gente, Mavutsinim mandou que o pessoal saísse das casas para gritar, fazer barulho, promover alegria, rir alto junto dos kuarup. O pessoal, então, começou a sair de dentro das casas. Mavutsinim recomendava que não saíssem aqueles que durante a noite tiveram relação sexual com as mulheres.

Um, apenas, tinha tido relações. Este ficou dentro da casa. Mas não aguentando a curiosidade, saiu depois. NO mesmo instante, os kuarup pararam de se mexer e voltaram a ser pau outra vez. Mavutsinim ficou bravo com o moço que não atendeu à sua ordem. Zangou muito, dizendo: - O que eu queria era fazer os mortos viverem de novo. Se o que deitou com mulher não tivesse saído de casa, os kuarup teriam virado gente, os mortos voltariam a viver toda vez que se fizesse kuarup. Mavutsinim, depois de zagar, sentenciou: - Está bem. Agora vai ser sempre assim. Os mortos não reviverão mais quando se fizer kuarup. Agora vai ser só festa. Mavutsinim depois mandou que retirassem dos buracos os toros de kuarup. O pessoal quis tirar os enfeites, mas Mavutsinim não deixou. "Tem que ficar assim mesmo", disse. E em seguida mandou que os lançassem na água ou no interior da mata. Não se sabe onde foram largados, mas estão até hoje lá, no Morená.

Fonte: www.estadao.com.br/villasboas

Kuadê – Jurun mata o sol



Jurun mata o Sol Kuadê, o Sol, era gente também. Morava longe e falava outra língua. Os Juruna costumavam passear na casa dele. Perto de onde morava o Sol tinha um buraco na pedra que estava sempre cheio de água. Era uma armadilha para pegar bicho. Bicho que enfiava a cabeça no buraco para beber água ficava preso. Todos os dias o Sol ia ver se havia caça presa. Quando encontrava, matava e levava pra casa para comer. A pesca, ele só fazia à noite, clareando a água com uma luz que ele tinha no traseiro. Ele zangava e matava quem dizia ter visto a sua luz. Havia um moço Juruna que não sabia da armadilha do Sol, o buraco na pedra.

Passando perto um dia, com sede, foi beber e ficou preso pela mão. Quando no outro dia viu o Sol que se vinha aproximando na sua visita diária, o moço fingiu de morto. Deitou e ficou imóvel, com o coração parado também, de tanto medo. O Sol chegou e começou a examiná-lo. Abriu a boca, os olhos, apalpou o peito e verificou que estava tudo parado como gente morta. Aí o Sol desprende o moço Juruna do buraco e o colocou dentro de um cesto para ser transportado. Mas antes de pôr o cesto nas costas, para ver se o moço estava bem morto mesmo, jogou formiga em cima dele. O Juruna aguentou as formigas, sem se mexer, mas quando elas morderam nos olhos, ele se mexeu um pouquinho.

A borduna do Sol, que estava perto, percebendo o movimento, quis logo bater, mas o dono não deixou, dizendo que o Juruna estava bem morto. Em seguida, o Sol levou o cesto com o corpo para perto da casa dele, pendurando-o no galho de uma árvore. No dia seguinte, pediu ao filho que trouxesse o cesto para dentro de casa. O filho do Sol foi mas não encontrou mais o Juruna. Ele tinha fugido de noite. O Sol sabendo disso, na mesma hora jogou a sua borduna atrás dele. a borduna saiu voando e logo adiante bateu num veado.



O Sol disse que não era aquilo que ele queria, e saiu em perseguição, até que encontrou o fugitivo escondido na raiz oca de um pau. A borduna chegou e começou logo a bater no tronco. Vendo que isso não dava resultado, cortou uma vara e passou a chuchar o buraco. O Juruna ficou todo machucado, mas continuou dentro da toca. Como já estava muito tarde, o Sol tapou a boca do buraco com uma pedra e disse para a borduna: "Amanhã nós voltamos para acabar de matar". De noite, na ausência do Sol, todo tipo de bicho - anta, porco, veado, macaco, paca, cutia - apareceu para ajudar o moço Juruna a sair de dentro da toca onde se tinha enfiado.

Lá dentro, ele pedia: "Cavem esse pau para eu sair". Os bichos começaram a cavar. Quando os seus dentes quebravam, iam à procura de outros bichos para continuar a escavação. a anta conseguiu abrir uma pequena saída. O moço Juruna pôs a cabeça para fora e pediu que cavassem mais um pouco. Com o alargamento que a cutia e a paca, por último, fizeram, ele pôde sair de uma vez para fora. Quando o sol chegou, não o encontrou mais. O moço a essa hora já estava chegando em casa. Lá, contou para os parentes o que havia acontecido com ele, dizendo que quase tinha sido morto pelo Sol.

Três dias depois foi dizer à mãe que ia sair novamente para colher coco. A mãe, chorando, pediu a ele que não fosse. "Não vá, meu filho, que o Sol vai matar você". O moço, depois de cortar todo o cabelo e se pintar de jenipapo, foi dizer à mãe que assim como estava não ia ser reconhecido pelo Sol. "Não tenha medo, que o Sol não me vai conhecer. Agora estou diferente". Falou isso e entrou mata adentro. Subiu no primeiro inajá que encontrou e ficou lá em cima colhendo coco.



Certo jovem, não muito belo, era admirado e desejado por todas as moças de sua tribo por tocar flauta maravilhosamente bem. Deram-lhe então o nome de Catuboré, (flauta encantada). Entre elas, a bela Mainá conseguiu o seu amor; casar-se-iam durante a primavera. Certo dia, já próximo do grande dia, Catuboré foi à pesca e de lá não mais voltou. Saindo a tribo inteira à sua procura, encontraram-no sem vida à sombra de uma árvore, mordido por uma cobra venenosa. Sepultaram-no no próprio local.

Mainá, desconsolada, passava várias horas a chorar sua grande perda. A alma de Catuboré, sentindo o sofrimento de sua noiva, lamentava-se profundamente pelo seu infortúnio. Não podendo encontrar paz pediu ajuda ao Deus Tupã. Este então transformou a alma do jovem no pássaro Irapuru, que mesmo com escassa beleza possui um canto maravilhoso, semelhante ao som da flauta, para alegrar a alma de Mainá. O cantar do Irapuru ainda hoje contagia com seu amor os outros pássaros e todos os seres da Natureza.

Irapuru = pássaro

Catuboré = nome índio - masculino

Mainá = nome índio - feminino



O Sol, que passava por perto, pensou que era macaco que estava no alto da palmeira. Quando viu que era gente e reconheceu o Juruna, disse assim: -Quase matei você naquele dia, mas agora você vai morrer. -Eu não sou quem você está pensando. Sou outro - disse o moço lá do alto. Mas o Sol sabia, e replicou: - É você mesmo. Desça daí que você vai morrer agora mesmo. O Juruna, então, lá da copa da palmeira, pediu ao sol que parasse primeiro um cacho de coco que ele ia jogar. -Pega primeiro este cacho que eu vou jogar. -Joga - disse o Sol. O moço jogou o cacho e o Sol pegou. Era um cacho pequeno, esse primeiro jogado.

O moço lá de cima tornou a pedir: Pega mais este. E lá de cima jogou um cacho pesado, muito grande. O Sol estava esperando com os braços estendidos para o alto. O cacho caiu direito no peito dele e o matou na hora. Ao morrer o Sol, tudo ficou escuro. A borduna, com a morte do dono, no mesmo instante correu e se transformou em cobra, a salamanta (uandáre-borduna do Sol).

O sangue que escorria do Sol ia-se transformando em aranha, formiga, cobra, lacraia e outros bichos. Essas cobras e aranhas que forravam o chão não deixavam o moço Juruna descer da palmeira. ele, então, como os macacos, foi passando de árvore para árvore. Só desceu quando viu o chão limpo. Uma vez em baixo, procurou o caminho e voltou para a aldeia. Lá chegando, disse para a mãe: -Matei o Sol. -Por que você fez isso? eu bem não queria que você saísse. Agora está tudo escuro - a mãe, assustada, lamentou. As crianças todas começaram a morrer com a escuridão, porque ninguém podia pescar, caçar, ou trabalhar. Lá na aldeia do Sol, a mulher dele já sabia da sua morte.

Disse aos três filhos que já estavam passando fome: - IO pai de vocês morreu porque gostava de matar gente. Qual de vocês quer ficar no lugar dele? Experimentou primeiro o mais velho dos três. Este, logo que pôs na cabeça o penacho do pai, achou-o muito quente. Foi subindo, subindo, quando estava quase amanhecendo não aguentou mais o calor e voltou. Aí foi a vez do outro, o do meio. Colocou o penacho na cabeça e começou a subir. Passou um pouco da altura a que chegou o primeiro, mas não aguentou também e voltou dizendo que o calor era demais. Restava o mais novo. A mãe perguntou se

ele queria ficar no lugar do pai. Ele disse que sim. Adornou-se com o penacho e subiu, mas como o calor era muito grande, andou depressa e se escondeu logo do outro lado.

De regresso à casa, a mãe lhe disse: -Você aguentou um pouco,mas é preciso andar mais devagar da outra vez, para o pessoal poder matar peixe, caçar e trabalhar. Não corre não. O filho mais moço do Sol voltou a fazer a caminhada, e fez toda ela devagar, desta vez. A mãe havia recomendado a ele que parasse um pouco quando estivesse bem no alto, no meio do caminho, e que começasse a descer bem devagar depois, parando um pouquinho também, antes de entrar numa vez do outro lado. Quando a mãe viu o filho fazer todo o caminho, como devia ser feito, chorou dizendo: -Você agora está no lugar de seu pai, e não vai voltar mais para mim. O filho lá do alto por sua vez falou: -Agora não posso mais voltar para morar com você. Vou ficar sempre aqui em cima. A mãe, ao ouvir isso, chorou outra vez.

Poronominaré - O Dono da Terra

O velho pajé Cauará saiu para pescar, demorando muito a voltar. A filha preocupada resolveu procurá-lo perto das águas mansas do rio. Após muito andar, sentou-se na relva para descansar. Anoitecia e a lua surgiu atrás das montanhas, ficando a jovem a contemplá-la. Subitamente, destacou-se do astro um vulto muito estranho que vinha em sua direção. A índia parecia hipnotizada, sendo em seguida tomada de profunda sonolência. Neste momento o pajé, que havia retornado a aldeia, preocupou-se com a ausência da filha. Tomou então um pote com paricá, pó alucinógeno que, inalado, lhe despertava os poderes de pajé, entrando assim em transe.

Muitas sombras desfilaram a sua frente e entre elas surgiu a silhueta de um homem que subia aos céus em direção à lua. Aos poucos, outras imagens foram tomando formas humanas com cabeça de pássaros, anunciando ao pajé que sua filha estava numa ilha, não muito distante dali. Imediatamente Cauará dirigiu-se ao local revelado, encontrando a moça enfraquecida e faminta. Voltaram à aldeia. Passados alguns dias, a jovem, preocupada contou ao pai um sonho impressionante: no alto da montanha ela dava à luz uma criança muito clara, quase transparente. Não havia leite em seus seios, sendo o seu filhinho alimentado por uma revoada de beija-flores e borboletas.

À sua volta, outros animais que também se encantaram com o bebê, lambiam-no carinhosamente. Igu tempo depois, a filha de Cauará notou que, embora virgem, esperava uma criança. O pajé, estranhando o fato, entrou novamente em transe. As alucinações lhe mostraram ser o homem que ele vira subir à lua, o pai de seu neto. Numa madrugada em que os animais, as aves e os insetos pareciam agitados e felizes, nasceu na serra de Jacamin o neto do pajé, Poronominaré, o dono da terra. Ao ser informado do feliz acontecimento, Cauará seguiu para a montanha para conhecer o herdeiro. Surpreso, encontrou a criança com uma barbatana nas mãos, indicando a cada animal o seu lugar na Natureza. Ao cair da tarde, quando tudo já estava em pleno silêncio, ouviu-se uma cantiga feliz. Era a mãe do dono da terra que subia aos céus, levada por pássaros e borboletas.

Sinaá - Inundação e Fim do Mundo

Sinaá, o mais poderoso pajé da tribo Juruna, era filho de mãe índia e pai onça. Do felino herdara o poder de enxergar também pelas costas, o que lhe permitia observar tudo o que se passava ao seu redor. Caminhava com sua gente por toda a região, ensinando a seus companheiros serem bons e bravos. Seu povo alimentava-se de farinha de mandioca, raspa de madeira, jabutis e sucuris, cobras imensas que habitavam na água. Certa vez, uma enorme sucuri foi capturada e queimada por haver devorado diversos índios. Inesperadamente brotaram de suas cinzas diversas espécies de vegetais, como a mandioca, o milho, o cará, a abóbora, a pimenta, e algumas plantas frutíferas, até então desconhecidas para aquela tribo.

Foi um pássaro surgido do céu que os ensinou a utilizar e preparar tais alimentos e também a fazê-los multiplicar-se. A partir daquele dia, fartas roças se formaram. Para garantir o sustento de seu povo, Sinaá, face às fortes chuvas e à ameaça de grande inundação, construiu uma imensa canoa, onde plantou mudas de cada espécie. Em poucos dias o rio transbordou e a enchente cobriu toda a região, mas o grande pajé livrou seu povo da fome. Já mais velho, Sinaá casou-se com uma aranha, que lhe teceu novas vestes pra melhor abrigá-lo. Chegando a atingir idade bastante avançada, já ostentava longas barbas brancas. Seus poderes, porém, permitiam-lhe remoçar a cada banho de cachoeira, para que pudesse viver até o fim de seu povo, como tanto queria. Quando isso ocorresse, Sinaá derrubaria a forquilha de uma enorme árvore que apontava para o céu, sustentando-o. O céu desabaria sobre todos os povos e o mundo teria o seu fim.

Begorotire - O Homem Chuva

Begorotire era um índio feliz. Certo dia, porém, havendo sido injustiçado na divisão da caça, ficou furioso, decidindo que sairia à procura de outro lugar para viver. Cortou os cabelos da esposa e da filha, pintando toda a família com uma tinta preta que havia retirado do fruto do jenipapo. Pegou um pedaço de madeira pesada e resistente, fazendo a primeira borduna Caiapó, com o cabo trançado em preto e a ponta tingida com sangue da caça. Chegou então ao alto de uma montanha, levando sua arma, e começou a gritar. Seus gritos soaram como fortes trovões. Girou fortemente a borduna no ar e de suas pontas saíram relâmpagos. Em meio ao barulho e às luzes, Begorotire subiu aos céus. Os índios assustados atiraram suas flechas, mas nada conseguiu impedir que o índio desaparecesse no firmamento.

As nuvens, também assustadas, derramaram chuva. Por isso Begorotire tornou-se o homem chuva. Tempos depois, levou toda a família para o céu, onde nada lhes faltava, e de lá muito fez para ajudar os que na terra ficaram. Juntos sementes de suas fartas roças, secou-as sobre o girau, entregando-as a uma filha para trazê-las. A índia desceu dentro de uma cabaça enorme amarrada a uma longa corda, tecida com as próprias ramas do vegetal. Caminhando pela floresta, um jovem encontrou a cabaça, amarrou-a com os cipós e pedaços de madeira e, com ajuda dos amigos levou-a para a aldeia. A mãe, abrindo a cabaça, encontrou a índia, a filha da chuva, que estava magra e com longos cabelos, por lá haver permanecido muito tempo.

A jovem foi retirada e alimentada, e teve seus cabelos aparados. Ao ser indagada, a filha da chuva explicou por que viera, entregando-lhes as sementes enviadas por seu pai e deixando a todos muito felizes. O jovem que encontrou a cabaça casou-se com a moça, passando esta a morar novamente na terra. Com o tempo, resolveu visitar os pais. Pediu ao esposo vergasse um pé de Pindaíba, trazendo a copa até o chão. Sentou-se sobre ela e, ao soltarem a árvore, a índia foi lançada ao céu. Ao retornar, trouxe consigo toda a família e cestos repletos de bananas e outros frutos silvestres. Begorotire ensinou a todos como cultivar as sementes e cuidar das roças, regressando depois ao seu novo lar. Ate hoje, quando as plantas necessitam de água, o homem chuva provoca trovões, fazendo-a cair sobre as roças para mantê-las sempre verdes e fartas.

Kuát e Iaê - A Conquista do Dia

No principio só havia a noite. Os irmãos Kuát e Iaê - o Sol e a Lua - já haviam sido criados, mas não sabiam como conquistar o dia. Este pertencia a Urubutsim (Urubu-rei), o chefe dos pássaros. Certo dia os irmãos elaboraram um plano para captura-lo. Construíram um boneco de palha em forma de uma anta, onde depositaram detritos para a criação de algumas larvas. Conforme seu pedido, as moscas voaram até as aves, anunciando o grande banquete que havia por lá, levando também a elas um pouco daquelas larvas, seu alimento preferido, para convencê-las. E tudo ocorreu conforme Kuát e Iaê haviam previsto.

Ao notarem a chegada de Urubutsim, os irmãos agarraram-no pelos pés e o prenderam, exigindo que este lhes entregasse o dia em troca de sua liberdade. O prisioneiro resistiu por muito tempo, mas acabou cedendo. Solicitou então ao amigo Jacu que este se enfeitasse com penas de araras vermelhas, canitar e brincos, voasse à aldeia dos pássaros e trouxesse o que os irmãos queriam. Pouco tempo depois, descia o Jacu com o dia, deixando atrás de si um magnífico rastro de luz, que aos poucos tudo iluminou. O chefe dos pássaros foi libertado e desde então, pela manhã, surge radiante o dia e à tarde vai se esvaindo, até o anoitecer.

Iamulumulu - A formação dos rios

Savuru era um espírito que possuía duas esposas. A pedido dos irmãos Sol e Lua, que as cobiçavam, as ariranhas o mataram, ficando sua esposa mais velha com o sol e a outra com a lua. Seguiram então os casais em direção à aldeia de Kanutsipei. Durante o caminho, os irmãos encontraram dificuldades e necessitaram da ajuda de outros espíritos: Iumulumulu lhes curou a impotência, Ierêp fez com que neles nascesse o ciúme das esposas e, uma vez cansados, pediram a Uiaó algo que os fizessem adormecer. No dia seguinte, dispostos, retomaram a caminhada. Chegando ao local pretendido, estavam sedentos e pediram água a Kanutsipei.

A água, porém, estava suja. O irmão Lua, tomando a forma de um beija-flor, voou rapidamente à procura de boa água. Ao voltar contou-lhes que o espírito os enganara, mantendo escondidos muitos potes com a mais pura água. Contrariados, os casais retornaram a sua aldeia, contando a todos o que ocorrera. O Sol e a Lua uniram-se a vários espíritos, Vanivani, Iananá, Kanaratê, os zunidores Hori-hori, invocando também os espíritos das águas que habitavam a copa do Jatobá. Chamaram ainda as máscaras Jakui-katu, Mearatsim, Ivat, Jakuiaép e Tauari. Reunidos, dançaram e resolveram voltar à aldeia de Kanutsipei para tomarem posse de sua água, quebrando todos os potes, conduzindo-a a outras regiões. Mearatsim, o primeiro a chegar, cantou para espantar o dono do local.

Chegaram então os outros espíritos, à medida que os potes foram quebrados, formou-se ali uma grande lagoa, de onde cada um dos espíritos criou um rio. Assim, o Sol criou o Rio Ronuro; Vani-vani formou o Rio Maritsauá; Kanaratê, o Paranajuva; Tracajá, o Kuluene e Iananá, um afluente do Ronuro. A formação dos rios não agradou ao Sol, pois todos corriam para o Morena, a região sagrada dos espíritos. Iniciou-se ali uma grande confusão, em meio à qual a Lua foi engolida por um grande peixe. O Sol, desesperado, saiu à procura do irmão, no ventre dos peixes que encontrava. Chegou a capturar o Tucunaré, o Matrinxã, o Pirarara e a Piranha. Mas havia sido o Jacunaum que a engolira, informou o Acará. E ambos, unidos, partiram à caça do peixe.

Pediram a Tapera (andorinha do campo) que lhes conseguisse um grande anzol, ocultando-o num charuto. O Acará nadou à procura de Jacunaum, oferecendo-lhe fumo. Desta maneira, o Sol conseguiu físgá-lo. Entretanto, dentro do peixe, restavam apenas os ossos de seu irmão. Desejando ardentemente que a Lua revivesse, o Sol arrumou no chão seu esqueleto, cobrindo-o com as folhas perfumadas do

Enemeóp. Aos poucos, como por encanto, a carne foi surgindo, revestindo os ossos até formar um novo corpo. Faltava-lhe ainda a vida. O Sol então introduziu um mosquitinho em sua narina, provocando-lhe um espirro, que a fez finalmente despertar. Assim foram criados os rios e, a partir daí, iniciou-se a prática da pajelança, tendo sido o Sol o primeiro pajé.

Iguaçu - As Cataratas que surgiram do Amor

Distribuída em várias aldeias, às margens do sereno Rio Iguaçu, a tribo dos Caiangangs formava uma poderosa Nação Indígena. Tinham como deuses Tupã, O Deus do Bem e M'Boy, seu filho rebelde, o Deus do Mal. Era este o causador das doenças, tempestades, das pagas nas plantações, além dos ataques de animais ferozes e das demais tribos inimigas. A fim de se protegerem do Deus do Mal, em todas as primaveras, os Caiangangs a ele ofereciam uma bela jovem como esposa, ficando esta impedida para sempre de amar alguém. Apesar do sacrifício, esta escolha era para ela um privilégio, motivo de honra e orgulho. Naípi, filha de um grande cacique, conhecida em todos os cantos por sua beleza, foi desta vez a eleita.

Feliz, aguardava com ansiedade o dia de tornar-se esposa do temido Deus. Iniciaram-se assim os preparativos da grande festa. Convidados chegavam de todas as aldeias para conhecê-la. Entre eles estava Tarobá, valentes guerreiros, famosos e respeitados por suas vitórias. Ocorreu que, talvez pela vontade do bom Deus Tupã, Tarobá e Naípi vieram a se apaixonar, passando a manter encontros secretos às margens do rio. Sem ser notado, M'Boy acompanhava os acontecimentos, aumentando a sua fúria a cada dia. Na véspera da consagração, os jovens encontraram-se novamente às margens do rio. Tarobá preparou uma canoa para fugirem no dia seguinte, enquanto todos adormeciam, fatigados com as danças e festejos e sob efeito das bebidas fermentadas.

Iniciaram a fuga e, já à boa distância do local M'Boy concretizou sua vingança. Lançou seu poderoso corpo no espaço em forma de uma enorme serpente, mergulhando violentamente nas tranqüilas águas e abrindo uma cratera no fundo do rio Iguaçu. Formaram-se assim as cataratas, que tragaram a frágil canoa. Tarobá foi transformado em uma palmeira no alto das quedas e Naípi em uma pedra nas profundezas de suas águas. Do alto, o jovem apaixonado contempla sua amada, sem poder tocá-la. Restando-lhe apenas murmurar seu amor quando a brisa lhe sacode a fronde.

Em todas as primaveras lança suas flores para Naípi, através das águas, como prova de seu amor. A jovem está sempre banhada por um véu de águas claras e frescas, que lhe amenizam o calor de seus sentimentos. Ainda hoje, M'Boy permanece escondido numa gruta escura, vigiando atentamente os jovens apaixonados. Ouve-se dizer que, quando o arco-íris une a palmeira à pedra, pode-se vislumbrar uma luz que dá forma aos dois amantes, podendo-se ouvir murmúrios de amor e lamento.

Mundo Novo - O paraíso terrestre

A nação indígena dos Caiapós habitava uma região onde não havia o sol nem a lua, tampouco rios ou florestas, ou mesmo o azul do céu. Alimentavam-se apenas de alguns animais e mandioca, pois não conheciam peixes, pássaros ou frutas. Certo dia, estando um índio a perseguir um tatu canastra, acabou por distanciar-se de sua aldeia. Inacreditavelmente, à medida que este se afastava, sua caça crescia cada vez mais. Já próximo de alcançá-la, o tatu rapidamente cavou a terra, desaparecendo dentro dela. Sendo uma imensa cova, o indígena decidiu seguir o animal, ficando surpreso ao perceber que, ao final da escuridão, brilhava uma faixa de luz. Chegando até ela, maravilhado, viu que lá existia um outro mundo, com um céu muito azul e o sol a iluminar e a aquecer as criaturas; na água muitos peixes coloridos e tartarugas.

Nos lindos campos floridos destacavam-se as frágeis borboletas; florestas exuberantes abrigavam belíssimos animais e insetos exóticos, contendo ainda diversas árvores carregadas de frutos. Os pássaros embelezavam o espaço com suas lindas plumagens. Deslumbrado, o índio ficou a admirar aquele paraíso, até o cair da noite. Entristecido ao acompanhar o pôr do sol, pensou em retornar, mas já estava escuro...Novamente surge à sua frente outro cenário maravilhoso: uma enorme lua nasce detrás das montanhas, clareando com sua luz de prata toda a natureza. Acima dela multidões de estrelas faziam o céu brilhar. Quanta beleza! E assim permaneceu, até que a lua se foi, surgindo novamente o sol. Muito emocionado, o índio voltou à tribo e relatou as maravilhas que viera a conhecer. O grande pajé Caiapó, diante do entusiasmo de seu povo, consentiu que todos seguissem um outro tatu, descendo um a um pela sua cova através de uma imensa corda, até o paraíso terrestre. Lá seria o magnífico Mundo Novo, onde todos viveriam felizes.

Muiraquitã

Muiraquitã é o nome que os índios davam a pequenos objetos, geralmente representando uma rã, trabalhados em pedra de cor verde, jadeíta ou nefrita, podendo existir em outros minerais e de outras cores. Conhecidos desde os tempos da descoberta, foi entre os séculos XVII e XIX que se tornaram mais procurados, sendo atribuídas qualidades de amuleto ou talismã e ainda virtudes terapêuticas. O muiraquitã atraía sorte para os seus possuidores e também curava quase todas as doenças. Conta a lenda que antigamente havia uma tribo de mulheres guerreiras, as ICAMIABAS, que não tinham marido e não deixavam ninguém se aproximar de sua taba. Manejavam o arco e a flecha com uma perícia extraordinária. Parece que Iací, a lua, as protegia. Uma vez por ano recebiam em sua taba os guerreiros Guacaris, como se fossem seus maridos.

Se nascesse uma criança masculina era entregue aos guerreiros para criá-los, se fosse uma menina ficavam com ela. Naquele dia especial, pouco antes da meia - noite, quando a lua estava quase a pino, dirigiam-se em procissão para o lago, levando nos ombros potes cheios de perfumes que derramavam na água para o banho purificador. À meia- noite mergulhavam no lago e traziam um barro verde, dando formas variadas: de sapo, peixe, tartaruga e outros animais. Mas é a forma de sapo a mais representada por ser a mais original. Elas davam aos Guacaris, que traziam pendurados em seu pescoço, enfiados numa trança de cabelos das noivas, como um amuleto. Até hoje acredita-se que o Muiraquitã traz felicidades a quem o possui, sendo, portanto, considerado como um amuleto de sorte. O muiraquitã deu muito o que falar e gerou muitas controvérsias. Foi contestada inclusive sua origem, que não seria amazônica e sim asiática.

Icamiabas significa “mulheres sem maridos”.

Iamuricumás - As Mulheres sem o Seio Direito

Em meio a uma grande festa, os índios haviam concluído a cerimônia de furar as orelhas de seus meninos, após a qual as crianças permanecem de resguardo. Segundo o costume, os homens da tribo foram à pesca para bem alimentá-las, enquanto as mulheres prosseguiram com o corte dos cabelos. Percebendo que os pais demoravam a chegar, o filho pajé decidiu ir ao rio, onde pôde observá-los batendo o timbó e pegando muitos peixes. Repentinamente, como por encanto, os índios transformaram-se em animais selvagens. Assustado o menino correu à tribo, relatando à sua mãe o que sucedera. Esta avisou as outras mulheres e, reunidas, preparavam-se para fugir dentro de poucos dias, pois os homens da pescaria agora representavam perigo! Pintaram-se e ornamentaram o corpo como se fossem homens.

Em seguida a esposa do pajé, à frente do grupo, entoou um canto, conduzindo-o até a floresta. Lá, untaram-se de veneno transformando-se no espírito Mamaé. Após cantarem e dançarem dois dias sem cessar, pediram a um velho que, pousando sobre as costas a casca de um tatu, seguisse à sua frente, abrindo-lhes passagem. O homem passou a agir como se fosse o próprio animal. As mulheres, indiferentes aos homens da pescaria, seguiram o seu caminho, a cantar e a dançar, levando consigo mulheres de mais duas aldeias. Suas crianças foram lançadas ao rio, tornando-se peixes. Ainda hoje, as Iamuricumás viajam dia e noite, armadas de arco e flecha. Não possuem o seio direito, para melhor manejá-los. E assim, cantando e dançando, continuam a abrir caminhos pela floresta, seguindo eternamente o homem tatu.

UMA LENDA: O CUPIM

Obrigaram uma moça a se casar com um rapaz, contra a sua vontade. Ela não gostava do marido de jeito nenhum. À noite, quando ele vinha se deitar, tentando abraçá-la, ela descia da rede e ficava de costas. Toda noite era assim. Para ver se aos poucos ela se acostumava, o pai convidou o genro para caçarem no mato, levando-a junto. Mas ela continuava a não querer dormir com o marido. O pai teve uma idéia. Pegou muitos vaga-lumes, "bagapbagawa man" na nossa língua. Sem que a filha percebesse, pregou grande quantidade de vaga-lumes no cupim, que chamamos "txapô". Fez isso de dia. Atou a rede da filha bem pertinho do munduru, que é um ninho de cupim, e a rede do marido do outro lado. Assim fez um tapiri, uma cabana. Anoteceu, jantaram, a moça deitou na própria rede. Dormiu. Quando foi no meio da noite, acordou e viu aquele munduru alumiado. Assustou que só vendo e deitou com o marido. Nunca mais largou o marido, e até hoje existe a luz no munduru.

HISTÓRIA REAL: O GRANDE CHEFE PENON

(Fernando Schiavini)

Morreu no dia 07 de fevereiro, na Aldeia Pedra Branca, Terra Krahô, estado do Tocantins, o grande chefe PEDRO PENON. Melhor seria dizer "o grande sábio PEDRO PENON". Na verdade, ele foi as duas coisas: um grande chefe de seu povo até sua maturidade e um grande sábio em sua longa velhice. Penon morreu com aproximadamente 95 anos, como morrem os grandes sábios: apagando-se lentamente como a chama de uma vela, dando conselhos para seu povo até seu último momento de lucidez.

O que sei de sua vida foi contado por ele mesmo, em fragmentos de conversas, durante nossa convivência. Ele era ainda bastante jovem, quando foi praticamente convocado pelo seu povo para assumir a chefia da aldeia Pedra Branca, a maior das três aldeias Krahô existentes naquela época. Ele estava então iniciando seus estudos na cidade de Carolina-MA.. Já sabia ler e escrever razoavelmente e talvez por isso tenha sido chamado. O momento era de extrema gravidade. O povo Krahô acabara de sofrer um grande massacre, desfechado pelos criadores de gado, na região de Itacajá. O ano era 1940. O governo havia mandado tropas para prender os responsáveis pela chacina e falava em criar uma "Inspetoria do S.P.I." no território Krahô, que nem demarcado era. O povo estava amedrontado e sem rumo. Muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo: soldados do exército, sertanistas, indigenistas, jornalistas, muitas propostas, o governo falando em demarcar um território fixo, que precisava ser delimitado. O momento exigia um líder capaz de entender minimamente toda aquela complicação, que soubesse conversar e negociar com aquela gente. Foi aí que, provavelmente por ser o único Krahô que se arriscara fora de seu povo para estudar, que convocaram o Penon e fizeram dele um "Parrití" (chefe de aldeia), apesar de, na época, ser muito jovem para para o cargo, seguindo os padrões Krahô.

Penon se tornou então um grande chefe. Liderou a delimitação do território Krahô, com 320.000 hectares, que representa hoje talvez a maior área contínua de cerrados preservada de todo o Centro-Oeste Brasileiro. Ao perceber que estava demorando muito os trabalhos de demarcação, encetou uma longa viagem a pé, de sua terra à cidade de Goiânia e daí, em várias conduções ao Rio de Janeiro, onde conseguiu falar com o Presidente Getúlio Vargas.

A terra Krahô só viria a ser demarcada definitivamente em 1951. Penon liderou então a retirada dos inúmeros posseiros que haviam ficado localizados no interior do território e cuidou sem cessar para que eles não retornassem. Além de um grande líder, Penon era também um diplomata. Intermediou durante anos a difíceis e complicadas relações, tanto com os agentes do governo que, de fato, havia instalado uma " Inspetoria " do SPI. na Terra Krahô, quanto com os regionais, apaziguando e acomodando uma situação ainda bastante conflituosa com o seu povo. Assim, angariou fama de homem sério, enérgico, honesto e cumpridor da palavra empenhada, tanto com os funcionários do governo como em toda a região do entorno da Terra Krahô.

Penon permaneceu como chefe da Pedra Branca até o ano de 1985, quando passou a responsabilidade para seu filho mais velho. No dia em que cumpriu esse ato, apoderou-se de um bastão, mais pela simbologia que por necessidade e passou a ser o " mekoré" (velho, sábio) da aldeia.

Mesmo assumindo o papel de ancião, empreendeu talvez o seu maior feito guerreiro: liderou, no ano de 1987, uma comitiva de jovens Krahô à cidade de São Paulo, em busca da KYIRÉ - a machadinha de pedra semilunar, sagrada para os Krahô, que se encontrava no Museu Paulista. Para isso, permaneceu em São Paulo durante três meses ininterruptos. Todos os seus acompanhantes retornaram após alguns dias de permanência na capital, enviando outros guerreiros em seus lugares. Penon se investira de tal forma da figura guerreira em busca de seu tesouro cultural, que aparentemente nada sentia, as despeito de poucas vêzes ter saído de sua aldeia. Por isso ganhou um apelido de seus companheiros de aventura: " Ikran-ken" - cabeça de pedra. Levou de volta a machadinha e iniciou um longo processo de retransmitir aos jovens as histórias e os cantos a ela ligados.

Aos poucos foi ficando cego, por conta de uma catarata que lhe cobria uma das vistas. A outra já havia perdido há tempos, por causa de uma operação mal feita, realizada por estudantes universitários em Goiânia. Por isso negava-se terminantemente a se operar novamente. O processo de avanço da cegueira consolidou-se definitivamente há cerca de dez anos. Passou então a se locomover pouco, puxado pelo seu velho bastão. Com o tempo, seus membros se atrofiaram e ele não caminhava mais. Mas fazia questão absoluta de participar de todas as reuniões importantes da aldeia, nem que para isso tivessem que carregá-lo nas costas. Jamais se negava, a qualquer hora que fosse, de contar as histórias antigas de seu povo, para quem o procurasse.

Nos últimos anos foi também ficando surdo.. Nenhum tremor de mãos, nenhum gemido, imprecisão ou reclamação, a não ser de que seu povo não o procurava mais como antes e ele queria continuar ajudando "com a garganta", como dizia.. Morreu quieto, sereno, como só os grandes sábios sabem morrer .

Tive o grande privilégio de ser amigo e discípulo de Penon por mais de vinte anos. Credito a ele grande parte da minha experiência acumulada e de posturas diante da vida. Considero-o mesmo um grande mestre e ele próprio me contou, há poucos anos, já cego e sem poder se locomover, que tinha constantes visões espirituais e que conversava com PAPAM - DEUS.

Penon vai virar pássaro, quati, tatu, árvore, estrêla ou qualquer outro ser, nas longas histórias orais de seu povo, em sucessivas gerações, queira Deus, através dos novos milênios.

PEQUENO DICIONÁRIO TUPI-GUARANI



A diversidade de línguas e dialetos indígenas presentes no Brasil ainda hoje é grandiosa. No entanto, separamos uma relação de diversas palavras faladas pelo tronco lingüístico tupi-guarani e seus significados.

A

Aaru: Espécie de bolo preparado com um tatu moqueado, triturado em pilão e misturado com farinha de mandioca.

Abá: avá - auá - ava - aba - homem - gente - pessoa - ser humano - índio.

Ababá: tribo indígena tupi-guarani que habitava as cabeceiras do rio Corumbiara (MT).

Abacataia: peixe de água salgada, parecido com o peixe-galo - abacutaia - abacatuiaia.

Abaçai: pessoa que espregueita, persegue - gênio perseguidor de índios - espírito maligno que perseguia os índios, enlouquecendo-os.

Abacatina: aracangüira - abacataia - peixe de água salgada, parecido com o peixe-galo.

Abacatuiaia: abacataia - aracangüira.

Abacatuia: aracangüira - abacataia.

Abacetê: pessoa boa - pessoa de palavra - pessoa honrada - abaeté.

Abacetuba: lugar cheio de gente boa

Abaitê: gente ruim - gente repulsiva - gente estranha.

Abanã: (gente de) cabelo forte ou cabelo duro.

Abanheém: awañene - língua de gente - a língua que as pessoas falam.

Abaquar: senhor (chefe)do vôo - abequar - homem que voa (aba - ara - jabaquara - iabaquara).

Abaré: amigo -(aba - ré - rê - abaruna).

Abaruna: amigo de roupa preta - padre de batina preta - amigo preto - (abuna).

Abequar: - senhor (chefe)do vôo - abaquar.

Abati: milho - cabelos dourados - louro.

Abuna: abaruna - padre de batina preta.

Açaí: yasaí - fruta que chora - fruta de onde sai líquido - coquinho pequeno amarronzado, que dá em cachos no açazeiro (palmeira com o tronco de pequeno diâmetro e folhas finas, que também produz palmito).

Acag: cabeça - (jaguaracambé).

Acamim: uma das espécies de pássaros; uma das espécies de vegetais (iacamim, jacamin).

Acará: garça, ave branca (acaraú).

Acaraú: acarai, acará, rio das garças (i, acará, ara) (diz-se que a grafia com a letra u, com o som de i fechado, vem dos colonizadores franceses, que os portugueses representavam, às vezes, por y).

Acemira: acir, o que faz doer, o que é doloroso (moacir).

Açu: grande, considerável, comprido, longo (ant.: mirim) (iguazu, paraguazu).

Aguapé (tupi): awa'pé - redondo e chato, como a vitória-régia - plantas que flutuam em águas calmas - uapé - (awa - pewa - peba - peua).

Aimara: árvore, araçá-do-brejo.

Aimará: túnica de algodão e plumas, usada principalmente pelos guaranis.

Aimbiré: aimoré; amboré.

Aimirim: aimiri, formiguinha.

Airequecê: aamo (xavante) - lua - iaé.

Airumã: estrela-d'alva.

Airy: uma variedade de palmeira.

Aisó: formosa.

Aiyra: filha.

Ajajá: aiáiá - ayayá - colhereiro (espécie de garça, de bico comprido, alargado na ponta e parecido com uma colher)

Ajeru: ajuru.

Ajubá: amarelo (itajubá).

Ajuhá: fruta com espinho.

Ajuru: ayu'ru - árvore de madeira dura, com frutos de polpa comestível - papagaio - ajeru - jeru - juru.

Akag: cabeça.

Akitã: baixo , baixa estatura (irakitã - muirakitã).

Amana: amanda, chuva.

Amanaci: amanacy, a mãe da chuva.

Amanaiara: a senhora da chuva ou o senhor da chuva.

Amanajé: mensageiro.

Amanara: dia chuvoso.

Amanda: amana, chuva.

Amandy: dia de chuva.

Amapá: ama'pá - árvore da família das apocináceas (Parahancornia amapa), de madeira útil, e cuja casca, amarga, exsuda látex medicinal, de aplicação no tratamento da asma, bronquite e afecções pulmonares, tendo seu uso externo poder resolutivo e cicatrizante de golpes e feridas.

Amary: uma espécie de árvore.

Ama-tirí: amãtiti, raio, corisco.

Amboré: aimoré.

Amerê: fumaça.

Ami: aranha que não tece teia.

Anamí: uma das espécies de árvores.

Ananã: fruta cheirosa (ananás).

Anauê: salve, olá.

Anassanduá: da mitologia indígena.

Andira: o senhor dos agouros tristes.

Andirá: morcego

Anhangüera: aanhangüera, diabo velho.

Anhana: empurrado - impelido

Anama: grosso, espesso

Anomatí: além, distante

Antã, atã: forte

Anacê: parente

Anajé: gavião de rapina

Anãmiri: anão, duende

Aondê: coruja

Apicu: ape'kü - apicum.

Ape'kü: apicum - mangue - brejo de água salgada (à borda do mar) - apicu - picum - apecum - apecu.

Apecu: ape'kü - coroa de areia feita pelo mar.

Aapecum: ape'kü - apecu.

Apicu: ape'kü - apecu.

Apicum: ape'kü - apicu - apecu - apicum - mangue.

Apoena: aquele que enxerga longe

Apuama: andejo, que não para em casa, veloz, que tem correnteza

Aquitã: curto, pequeno

Ara: (de modo geral - com poucas exceções) relativo a aves, às alturas e (mais raramente) àquilo que voa (insetos) - pássaro - jandaia - periquito (ave pequena) - (arara - Ceará - aracê).

Araçary, arassary: variedade de tucano

Aracê: aurora, o nascer do dia, o canto dos pássaros (pela manhã).

Aracema: bando de papagaios (periquitos, jandaias, araras), bando de aves (ara, arara, piracema)

Aracy: a mãe do dia, a fonte do dia, a origem dos pássaros (v. aracê, cy, ara)

Aram: sol

Arani: tempo furioso

Aracangüira: peixe de água salgada, parecido com o peixe-galo - abacataia - abacutaia - abacatuiaia - abacatuia - abacátuxia - abacatina - aletto - aracambé - peixe-galo-do-brasil.

Arapuã: abelha redonda.

Arapuca: armadilha para aves, consistindo numa pirâmide de gravetos (pequenos paus) superpostos

Arara: jandaia grande, ave grande.

Araraúna: arara preta (arara, una, araruna).

Ararê: amigo dos papagaios

Araruna: araúna, ave preta(araraúna, ara, una, itaúna).

Aratama, ararama, araruama: terra dos papagaios

Araueté: araweté ou araueté, povo de língua da família tupi-guarani, que vive na margem esquerda do igarapé Ipixuna, afluente do Xingu, na área indígena Araweté/Igarapé-Pixuna, no sudeste do Pará.

Araxá: lugar alto onde primeiro se avista o sol (segundo definição da cidade Araxá-MG) - lugar alto e plano - tribo indígena procedente dos cataguás (ses) - (ara).

Assurini: tribo pertencente a família lingüística tupi-guarani, localizadas em Trocará, no rio Tocantins, logo abaixo de Tucuruí/PA.

Ati: gaivota pequena - (atiati).

Atiati: gaivota grande - (ati).

Auá: avá - abá - homem - mulher - gente - índio.

Auati: gente loura - milho - que tem cabelos louros (como o milho) - abati - avati.

Auçá: uaçá - caranguejo - auçá - guaiá.

Avá: abá, auá, homem, índio.

Avanheenga: awañene - língua de gente - a língua que as pessoas falam, ao contrário dos animais - a língua geral dos tupis-guaranis - abanheenga - abanheém.

Avaré: awa're - abaré - amigo - missionário - catequista - (abaruna - abuna).

Avati: gente loura - milho - abati - auati.

Awañene: abanheém - língua de gente - a língua que as pessoas falam, ao contrário dos animais - a língua geral dos tupis-guaranis - abanheenga - avanheenga.

Awa: redondo - ava.

Awaré: avaré.

Aymerê: lagartixa.

Ayty: ninho (parati).

Ayuru: ajuru - árvore de madeira dura, com frutos de polpa comestível.

B

Bapo: maracá - mbaraká - chocalho usado em solenidades - maracaxá - xuatê - cascavel.

Baquara: mbaekwara - biquara - sabedor de coisas - esperto - sabido - vivo - (nhambiquara).

Biquara: baquara - mbaekwara.

C

Caá: kaá - mato - folha.

Caapuã: aquele ou aquilo que mora (vive) no mato - caipora - kaapora.

Caba: marimbondo, vespa (v. cacira, laurare)

Caboclo: kariboka - procedente do branco - mestiço de branco com índio - cariboca - carijó - antiga denominação do indígena - caburé - tapuio - personificação e divinização de tribos indígenas segundo o modelo dos cultos populares de origem africana, paramentada, porém, com os trajes cerimoniais dos antigos tupis (folcl.) - atualmente, designação genérica dos moradores das margens dos rios da Amazônia

Caburé (tupi): kaburé - cafuzo - caboclo - caipira - indivíduo atarracado, achaparrado.

Cacira: vespa de ferroada dolorosa

Caingangue: grupo indígena da região Sul do Brasil, já integrado na sociedade nacional, cuja língua era outrora considerada como jê, e que hoje representa uma família própria - coroado - camé - xoclangues.

Caipora: caapora - kaa'pora.

Camb: peito - seio - teta.

Camé (jê): subtribo do grupo caingangue.

Camuá: palmeira de caule flexível, cheia de pelos espinhosos.

Camu-camu: fruta pouco conhecida que possui grande quantidade de vitamina C, e cuja produção vem substituindo, no Acre, a exploração dos seringais.

Canoa: embarcação a remo, esculpida no tronco de uma árvore; uma das primeiras palavras indígenas registradas pelos descobridores espanhóis; montaria (designação atual usada pelos caboclos da Amazônia); (ubá).

Capim: caapii - mato fino - folha delgada.

Carapeba: tipo de peixe - acarapeba - acarapeva - acarapéua - (acará - peba).

Cari: o homem branco - a raça branca.

Cariboca: kari'boka - caboclo - procedente do branco - mestiço de branco com índio - curiboca - carijó - caburé - tapuio

Carijó: procedente do branco - mestiço, como o galináceo de penas salpicadas de branco e preto - caboclo - antiga denominação da tribo indígena guarani, habitante da região situada entre a lagoa dos Patos (RS) e Cananéia (SP) - carió - cário - cariboca - curiboca caburá - tapuio.

Carió: procedente do branco - caboclo - antiga denominação da tribo indígena guarani, habitante da região situada entre a lagoa dos Patos (RS) e Cananéia (SP) - carijó - cário - cariboca - curiboca caburé - tapuio.

Carioca: kari'oka - casa do branco.

Cuica: ku'ika - espécie de rato grande com o rabo muito comprido, semelhante ao canguru - instrumento de percussão feito com um pequeno cilindro em uma de cujas bocas se prende uma pele bem estirada.

Curiboca: caboclo - kari'boka - procedente do branco - mestiço de branco com índio - cariboca - carijó - caburé - tapuio.

Curumim: menino (kurumí).

D

Damacuri: tribo indígena da Amazônia.

Damanivá: tribo indígena de RR, da região do Caracará, Serra Grande e serra do Urubu.

Deni: tribo indígena aruaque, que vive pelos igarapés do vale do rio Cunhuã, entre as desembocaduras dos rios Xiruã e Pauini, no AM. Somam cerca de 300 pessoas, e os primeiros contatos com a sociedade nacional ocorreram na década de 60.

E

Eçaí: olho pequeno.

Eçabara: o campeador.

Eçaraia: o esquecimento.

Etê: bom - honrado - sincero - etê.

G

Galibi: tribo indígena da margem esquerda do alto rio Uaçá (AP).

Geribá: nome de um coqueiro.

Goitacá: nômade, errante, aquele que não se fixa em nenhum lugar.

Guará (i): iguara, ave das águas, pássaro branco de mangues e estuários com grande amplitude de maré ou de fluviometria (i, ig, ara).

Guará (2): aguará, aguarçu, mamífero (lobo) dos cerrados e pampas (açü).

Guarani (1): raça indígena do interior da América do Sul tropical, habitante desde o Centro Oeste brasileiro até o norte da Argentina, pertencente à grande nação tupi-guarani.

Guarani (2): grupo lingüístico pertencente ao grande ramo tupi-guarani, porém mais característico dos indígenas do centro da América do Sul.

Guaratinguetá: reunião de pássaros brancos.

Guarini: guerreiro, lutador.

I

I: água - pequeno - fino - delgado - magro

Iacamim: acamim (jacamim).

Iaé (kamaiurá): lua - aamo (xavante) - airequecê.

Iandé: a constelação Orion.

Iandê: você.

Iapuçá: uma das espécies de macacos (japuçá, jupuçá, jauá, sauá).

Iba (1): iwa - iua - iva - ruim - feio - imprestável - (paraíba).

Iiba (2): variação de ubá - madeira - árvore.

Ibi: terra.

Ibitinga: terra branca (tinga).

Ig: água - (i).

Iguaçu: água grande - lago grande - rio grande.

Indaiá: um certo tipo de palmeira

Ira: mel (Iracema, irapuã).

Iracema: lábios de mel (ira, tembé, iratembé).

Irapuã: mel redondo (ira, puã).

Iratembé: lábios de mel (Iracema, ira, tembé).

Irupé: a vitória régia.

Ita: pedra (itaúna).

Itajubá: pedra amarela (ita, ajubá).

Itatiba: muita pedra, abundância de pedras (tiba).

Itaúna: pedra preta (ita, una).

Ité: ruim - repulsivo - feio - repelente - estranho (abaité).

Iu: yu - ju - espinho - (jurumbeba).

Iua: iva - iua - iba - ruim - feio - imprestável - (paraíba).

Iuçara: juçara - jiçara - palmeira que dá palmito.

Iva: iwa - iua - iba - ruim - feio - imprestável - (paraíba).

Iviturui: - serro frio; frio na parte mais alta de uma serra.

Iwa: iva - iua - iba - ruim - feio - imprestável - (paraíba).

J

Jabaquara: - rio do senhor do vôo (iabaquara, abequar).

Jacamim: ave ou gênio, pai de muitas estrelas (Yacamim).

Jaçanã: ave que possui as patas sob a forma de nadadeiras, como os patos.

Jacaúna: indivíduo de peito negro.

Jacu: yaku - uma das espécies de aves vegetarianas silvestres, semelhantes às galinhas, perus, faisões, etc.

Jacuí: jacu pequeno.

Jaguar: yawara - cão - lobo - guará.

Jaguaracambé: cão de cabeça branca (ya'wara = cão)+(a'kãg = cabeça)+(peba = branco) - aracambé - cachorro-do-mato-vinagre.

Japira: mel, ira (yapira).

Japuçá: uma das espécies de macacos (iapuçá, jauá, sauá).

Jauá: japuçá (iapuçá, sauá)

Javaé: tribo indígena que habita o interior da ilha do Bananal, aparentada com os carajás, da mesma região.

Javari: competição cerimonial desportiva religiosa.

Jé: grupo etnográfico a que pertence o grosso dos tapuias - jê - gê.

Jeru: ayu'ru - árvore de madeira dura, com frutos de polpa comestível - papagaio - ajeru - ajuru - juru.

Ju: yu - iu - espinho - (jurumbeba).

Juçara: palmeira fina e alta com um miolo branco, do qual se extrai o palmito, típica da mata atlântica - piná - iuçara - juçara - (açai).

Jumana: tribo do grupo aruaque, habitante da região dos rios Japurá e Solimões (amazônia Ocidental) - ximana - xumana.

Jumbeba: cacto (ou uma espécie de) - jurumbeba - (ju - mbeb).

Jupuçá: iapuçá; japuçá.

Juru: árvore de madeira dura, com frutos de polpa comestível - papagaio - ajeru - jeru - ajuru.

Jurubatiba: lugar cheio de plantas espinhosas (ju - ru - uba -tiba).

Jurubeba: planta (espinhosa) e fruta tida como medicinal (o fruto é, normalmente, verde e perfeitamente redondo, sendo muito amargo - é pouco maior que a ervilha) - jurumbeba.

Jurumbeba: folha chata com espinhos - cacto (ou uma espécie de) - jumbeba - (ju - mbeb).

K

Kaá: caá - mato.

Kaapora: aquilo ou quem vive no mato - caapora - caipora.

Kabu'ré: caburé - cafuzo - caboclo - caipira - indivíduo atarracado, achaparrado.

Kamby: leite - líquido do seio.

Kaluana: lutador de uma lenda da tribo kamaiurá.

Kamaiurá: camaiurá - tribo indígena tupi que vive na região dos formadores do Xingu, entre a lagoa Ipavu e o rio Culuene (MT).

Karioka: carioca - casa do branco.

Ki'sé: faca velha e/ou enferrujada e/ou cheia de dentes e/ou sem cabo - quicé - quicê - quecé - quecê.

Ku'ika: cuica - espécie de rato grande com o rabo muito comprido, semelhante ao canguru - instrumento de percussão

Kurumí: menino (curumim)

L

Laurare (karajá): marimbondo

Lauré (pauetê-nanbiquara): arara vermelha

M

Macaba: fruto da macaúba (comestível - coco de catarro)

Macaúba: ma'ká i'ba - árvore da macaba (fruta do sertão) - macaíba

Macaíba: macaúba

Manau: tribo do ramo aruaque que habitava a região do rio Negro

Manauara: natural de, residente em, ou relativo a Manaus (capital do estado do Amazonas) - manauense

Mairá: uma das espécies de mandioca, típica da região Norte; mandiocaçu; mandioca grande (mandioca, açu)

Maní: deusa da mandioca, amendoim (maniva)

Manioca: mandioca (a deusa Maní, enterrada na própria oca, gerou a raiz alimentícia), (v. mani, oca, mandioca, mairá)

Maniua: maniva

Maniva: tolete ou folha da planta da mandioca; usa-se na alimentação da região Norte, especialmente no Pará. (maniua, mairá)

Mandioca: aipim, macaxeira, raiz que é principal alimento dos índios brasileiros (v. manioca)

Maracá: mbaraká - chocalho usado em solenidades - bapo - maracaxá - xuatê - cascavel

Massau: uma das espécies de macaco, pequeno e de rabo comprido, comum na região amazônica - sa'wi - sagüim - sauim - soim - sonhim - sagüi - tamari - xauim - espécie de mico

Mbaracá: maracá - chocalho usado em solenidades - bapo - maracaxá - xuatê - cascavel

Mbeb: chato - achatado - mbeba (jurubeba)

Membira: filho ou filha (v. raira)

Moponga: mu'põga - Pescaria em que se bate na água, com uma vara ou com a mão, para que os peixes sejam desviados para uma armadilha - mupunga - batição

Motirão: mutirão - reunião para fins de colheita ou construção (ajuda)

Mu'põga: moponga - mupunga - batição

Mutirão (port/tupi): motirão

N

Nanbiquara: fala inteligente, de gente esperta - tribo do Mato Grosso (pauetê-nanbiquara - baquara - biquara)

Nhe: nhan - nham - falar - fala - língua

Nheengatu: negatu - língua boa - língua fácil de ser entendida (pelos tupis)

Nhenhém: neë neë ñeñë, falação, falar muito, tagarelice

O

Oapixana: tribo do ramo aruaque do alto rio Branco (RR), nas fronteiras com a Guiana - vapixiana - vapixana - uapixana - wapixana - vapidiana - oapina

Oapina: oapixana

Oca: cabana ou palhoça, casa de índio (v. ocará, manioca)

Ocara: praça ou centro de taba, terreiro da aldeia (v. oca, manioca, ocaruçu)

Ocaruçu: praça grande, aumentativo de ocará (v. açu, ocará)

P

Pará (1): rio

Pará (2): prefixo utilizado no nome de diversas plantas

Paracanã: tribo indígena encontrada durante a construção hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins/PA

Paraíba (1): paraiwa - rio ruim - rio que não se presta à navegação (imprestável) - (para - iba)

Paraíba (2): parabiwa - madeira inconstante (variada)

Paraibuna: rio escuro e que não serve para navegar

Paraitunga: designação dada aos paracanãs pelos assurinis

Pauá (tupi): pawa - pava - tudo - muito (no sentido de grande extensão)

Pauetê-nanbiquara: - tribo da região do Mato Grosso (nanbiquara, nhambiquara) Peba: branco - branca - tinga - peva - peua - pewa

Peua: peba

Peva: peba

Pewa: peba

Picum: ape'kü - apecum - mangue - brejo de água salgada

Piná: palmeira fina e alta com um miolo branco, do qual se extrai o palmito, típica da mata atlântica

Pitiguar: - potiguar

Poti: - camarão, piti (potiguar)

Potiguar: - pitiguar, potiguara, pitaguar, indígena da região NE do Brasil

Puã: - redondo (irapuã)

Puca: armadilha (arapuca, puçá)

Puçá: armadilha para peixes (e outros animais aquáticos)

Puçanga: mezinha, remédio caseiro (receitado pelos ajés)

Q

Quecé: faca velha e/ou enferrujada e/ou cheia de dentes e/ou sem cabo - ki'sé - quicê - quicé - quecê

Quibaana: tribo da região Norte

Quicé: faca velha e/ou enferrujada e/ou cheia de dentes e/ou sem cabo - ki'sé - quicê - quecé - quecê

R

Raira: - filho (v. membira)

Ré: - amigo - rê (geralmente usado como sufixo) (abará, araré, avaré)

Rudá: deus do amor, para o qual as índias cantavam uma oração ao anoitecer

Ru: folha (jurubeba)

S

Sauá: uma das espécies de macacos - iapuçá - japuçá - jupuçá - sawá - saá

Sauim: sagüi

Sawi: sagüi

Surui: tribo do parque do Aripuanã, região do Madeira, Rondônia

T

Tapuia: tapii - tapuio - designação antiga dada pelos tupis aos gentios inimigos - índio bravio - mestiço de índio - índio manso (AM) - qualquer mestiço trigueiro e de cabelos lisos e negros (BA) - caboclo

Tapuio: tapii - tapuia - designação antiga dada pelos tupis aos gentios inimigos - índio bravio - mestiço de índio - caboclo

Tembé: lábios (Iracema, iratembé)

Tiba: tiwa, tiua, tuba, abundância, cheio

Tijuca: tiyug - líquido podre - lama - charco - pântano - atoleiro - tijuca

Tijucopaua: tiyukopawa - lamaçal - tijucupava

Timburé: uma das espécies de peixes de rio, com manchas e/ou faixas pretas (ximburé, timburê)

Timburê: Timburé (ximburé)

Tinga: branco - branca - peba - (ibitinga)

Tiririca: tiririka - arrastando-se (alastrando-se) - erva daninha famosa pela capacidade de invadir velozmente terrenos cultivados - estado nervoso das pessoas, provocado por um motivo que parece incessante

Tiyukopauá: tijucopaua - lamaçal - tijucupava

Tiyug: tijuca - líquido podre - lama - charco - pântano - atoleiro - tijuca

Tiwa: tiba, tiua, tiba, tuba, abundância, cheio

Tupi (1): povo indígena que habita(va) o Norte e o Centro do Brasil, até o rio Amazonas e até o litoral

Tupi (2): um dos principais troncos lingüísticos da América do Sul, pertencente à família tupi-guarani

Tupi-guarani: um das quatro grandes famílias lingüísticas da América do Sul tropical e equatorial; indígenas pertencentes a essa família

U

Uaçá: caranguejo - auçá - guaiá

Uaçai: açai - yasaí

Uaná: vagalume (urissanê)

Uapixana: tribo do ramo aruaque do alto rio Branco (RR), nas fronteiras com a Guiana - vapixiana - vapixana - vapidiana - wapixana - oapixana - oapina

Ubá: canoa (geralmente feita de uma só peça de madeira); árvore usada para fazer canoas (canoa)

Una: preto, preta

Urissanê: vagalume (uaná)

V

V (Índice)

Vapidiana: tribo do ramo aruaque do alto rio Branco (RR), nas fronteiras com a Guiana - **vapixiana** - Vapixana - uapixana - wapixana - oapixana - oapina

W

Wapixana: tribo do ramo aruaque do alto rio Branco (RR), nas fronteiras com a Guiana - vapixiana - vapixana - uapixana - vapidiana - oapixana - oapina

Wa'riwa: guariba - macaco de coloração escura, barbado. Wasai: açai - uaçai - yasaí

X

Xaperu: tribo da região Norte

Xauim: uma das espécies de macaco, pequeno e de rabo comprido, comum na região amazônica - sa'wi - sagüim - sauim - soim - sonhim - massau - tamari - sagüi - espécie de mico

Xavante: tribo indígena pertencente à família lingüística jê e que, junto com os xerentes, constitui o maior grupo dos acuéns. Ocupa extensa área, limitada pelos rios Culuene e das Mortes (MT)

Ximaana: tribo habitante da região do rio Javari, na fronteira do Brasil com o Peru

Ximana: tribo do grupo aruaque, habitante da região dos rios Japurá e Solimões (Amazônia Ocidental) - xumana - xumane - jumana

Ximburé: uma das espécies de peixes de rio (timburé)

Xoclengue: tribo caingangue do Paraná (rio Ivaí)

Xuatê: mbaraká - maracá - chocalho usado em solenidades - bapo - maracaxá - cascavel

Xumana: ximana - jumana

Xumane: - ximana.

Y

Yacamim: ave ou gênio; pai de muitas estrelas (jaçamim)

Yamí (tucano): noite

Yapira: mel (japira)

Yara: deusa das águas - mãe d'água - senhora - iara - lenda da mulher que mora no fundo dos rios

Yasaí: açai - fruta que chora - fronta de onde sai líquido - coquinho pequeno amarronzado, que dá em cachos no açazeiro (palmeira com o tronco de pequeno diâmetro e folhas finas, que também produz palmito) yawara (tupi): jaguar - cão - cachorro - lobo - gato - onça - jaguaracambé.

(Fonte: Fernando AP Silva)

BIBLIOGRAFIA

Lévi-Strauss, Claude. Tristes Trópicos: Perspectivas do homem. Ed. 70 Melati, Julio César. Índios do Brasil. Brasília, Coordenada, 1972

www.socioambiental.com.br

www.funai.gov.br

www.webciencia.com/09_indios.htm

www.brasil.com.br

www..desvendar.com/especiais/indio

www.areaindigena.hpg.ig.com.br

Publicação Povos Indígenas de Minas Gerais, Minas Gerais, Revista Informativa da Qualificação Profissional, Secretaria de Estado do Trabalho, da Assistência Social, da Criança e do Adolescente, págs. 35 -38, Novembro de 2001.